

KHAL RENS CÂNDIDO

**LÍNGUA E VARIAÇÃO: CASOS DE INTERINCOMPREENSÃO DISCURSIVA E
CONSTRUÇÃO DE SIMULACROS EM PROGRAMAS DA REDE GLOBO DE
TELEVISÃO**

UBERLÂNDIA
2017

KHAL RENS CÂNDIDO

**LÍNGUA E VARIAÇÃO: CASOS DE INTERINCOMPREENSÃO DISCURSIVA E
CONSTRUÇÃO DE SIMULACROS EM PROGRAMAS DA REDE GLOBO DE
TELEVISÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de pesquisa: Linguagem, texto e discurso

Orientador (a): Professora Dra. Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira

UBERLÂNDIA
2017

KHAL RENS CÂNDIDO

Língua e variação: casos de interincompreensão discursiva e construção de simulacros em programas da Rede Globo de Televisão

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Uberlândia, 31 de julho de 2017.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira – UFU

Prof.^a Dr.^a Maura Alves de Freitas Rocha - UFU

Prof.^a Dr.^a Marília Giselda Rodrigues – UNIFRAN

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sistema
de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C217L Cândido, Khal Rens, 1992-
2017 Língua e variação : casos de interincompreensão discursiva e
construção de simulacros em programas da Rede Globo de Televisão /
Khal Rens Cândido. - 2017.
79 f. : il.

Orientadora: Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira.
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2017.15>
Inclui bibliografia.

1. Linguística - Teses. 2. Análise do discurso - Teses. 3. Programa de
televisão - Linguagem - Teses. 4. Língua portuguesa - Semântica - Teses.
I. Silveira, Fernanda Mussalim Guimarães Lemos, 1966-. II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

Ao meu avô *Dito*... por cada vez que me buscou na escola.

AGRADECIMENTOS

À Fernanda, pelas orientações e conversas, pelo zelo e acolhimento, por me convidar à maturidade;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro;

Às professoras, Dr.^a Maura Alves de Freitas Rocha, Dr.^a Marília Giselda Rodrigues, Dr.^a Marina Célia Mendonça e Dr.^a Camila Tavares Leite, pela leitura criteriosa e pelas contribuições a este trabalho;

Aos amigos analistas do discurso, com quem dialoguei e recebi imensa atenção: Dr.^a Ana Carolina Vilela-Ardenghi, Dr.^a Heloísa Mara Mendes e Doutorando Bruno de Sousa Figueira;

Aos funcionários do Instituto de Letras e Linguística;

Aos companheiros do dia-a-dia, Baraldi, Eloíse e Nicolás, por cada bom sentimento;

Aos meus irmãos, Laura e Marco Túlio, por cada olhar de cuidado;

Às minhas adoradas Marias;

Aos meus pais, Joana D'arc e Israel, pelo amor, pela compreensão de cada momento até então;

A Deus, pelo caminho.

*[...] Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de prosódias
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
[...]
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Sejamos o lobo do lobo do homem
Adoro nomes [...]*

(Trecho da canção *Língua*, de Caetano Veloso)

RESUMO

Nesta dissertação, com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), mais especificamente nas noções de interdiscurso, interincompreensão discursiva e simulacro, postulados por Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos* (2008a), analisamos como se dá a polêmica discursiva em torno da problemática da língua portuguesa em programas de entretenimento e de jornalismo da Rede Globo de Televisão. Em nossas análises, buscamos demonstrar como se dá a tradução semântica, por parte dos jornalistas, repórteres, entrevistadores e apresentadores, de enunciados relacionados à língua portuguesa, proferidos por entrevistados, ou de enunciados tomados de base para comentários dos jornalistas. Nosso *corpus* de análise é composto por duas entrevistas do *Programa do Jô*; uma entrevista do *Jornal Hoje*; e um trecho do jornal matutino *Bom dia, Brasil*. Do ponto de vista metodológico, a análise do *corpus* se deu seguindo Pêcheux (1983), segundo o qual a análise implica uma alternância entre os momentos de descrição e interpretação, e seguindo Maingueneau (2008a), para quem o tratamento dos dados se dá a partir de hipóteses fundamentadas na história e em um conjunto de textos, podendo tais hipóteses serem confirmadas ou não ao longo das análises. Um dos resultados relevantes a que chegamos é que o jogo de forças na polêmica varia, em alguma medida, em função do fato de a abordagem de questões relacionadas à língua portuguesa estar relacionada às problemáticas do ensino ou não. Se não estiver, a polêmica entre diferentes posicionamentos encena uma aparente neutralidade; por sua vez, se o cerne do debate se der em torno do ensino de língua portuguesa, a relação de contradição entre diferentes posicionamentos é aberta e acirrada.

Palavras-chave: Interdiscurso. Interincompreensão discursiva. Simulacro. Língua portuguesa. Programas de jornalismo e entretenimento.

ABSTRACT

This study is based on the theoretical framework of French Discourse Analysis (DA), more specifically on the notions of interdiscourse, discursive interincomprehension and *simulacrum*, postulated by Dominique Maingueneau in *Genesis of discourses* (2008a). Hereby it was analyzed the discursive polemic around the issue of Portuguese language in entertainment and news television shows of *Rede Globo* Television. The analysis aimed at demonstrating the functioning of semantic translations (carried out by journalists, reporters, interviewers and television hosts) in utterances related to Portuguese language, delivered by the interviewed. The *corpus* analysis consists of two interviews extracted from "*Programa do Jô*"; one interview from "*Jornal Hoje*"; and an excerpt from the morning news tv show "*Bom dia, Brazil*". From the methodological point of view, the *corpus* analysis builds on Pêcheux (1983), according to whom the analysis should imply an alternation between the moments of description and interpretation. It also builds on Maingueneau (2008a), to whom the data treatment should stem from hypotheses based on history and on a set of texts and such hypotheses may or may not be confirmed throughout the analyzes. *The research revealed that the power play in the polemic varies, to some extent, according to the fact that the approach on Portuguese language issue may be or may not be related to teaching issues. If it is not related, the polemic between different discursive positionings enacts an apparent neutrality; In turn, if the focus of the debate is on Portuguese language teaching, the relationship of contradiction between the different positionings is open and heated.*

Keywords: Interdiscourse. Discursive intercomprehension. *Simulacrum*. Portuguese language. Entertainment and news television shows.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 Fundamentação teórica – Gênese dos discursos	12
CAPÍTULO 2 Processo de interincompreensão discursiva e construção de simulacros	22
2.1 Contextualização do <i>Programa do Jô</i>	22
2.2 Transcrição integral da entrevista de Evanildo Bechara ao <i>Programa do Jô</i>	24
2.2.1 Apresentação dos dados	31
2.2.2 Rastreando os posicionamentos	33
2.2.3 As ocorrências de interincompreensão	36
2.3 Entrevista de Ataliba T. de Castilho ao <i>Programa do Jô</i>	38
2.3.1 Transcrição integral da entrevista de Ataliba Castilho ao <i>Programa do Jô</i> ...	38
2.3.2 Apresentação dos dados	48
2.3.3 Rastreando os posicionamentos	50
2.3.4 As ocorrências de interincompreensão	54
2.4 Contextualização da prática jornalística do <i>Bom dia, Brasil</i> e do <i>Jornal Hoje</i> ..	55
2.4.1 Transcrição integral do trecho do jornal <i>Bom dia, Brasil</i>	57
2.4.2 Apresentação dos dados	60
2.4.3 Rastreando os posicionamentos	61
2.4.4 Interincompreensão e simulacros construídos	62
2.5 Análise da entrevista do <i>rapper</i> Emicida ao <i>Jornal Hoje</i>	63
2.5.1 Transcrição integral da entrevista de Emicida (<i>rapper</i>) ao <i>Jornal Hoje</i>	63
2.5.2 Apresentação dos dados	67
2.5.3 Rastreando os posicionamentos	70
2.5.4 A interincompreensão e os simulacros construídos	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, partindo dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (AD), mais especificamente das noções de interdiscurso, interincompreensão e simulacro, postulados por Dominique Mainguenu em *Gênese dos discursos* (2008a), procuraremos analisar o funcionamento da polêmica discursiva em torno da problemática da língua portuguesa em programas da Rede Globo de Televisão. A partir desse objetivo mais geral, apresenta-se o seguinte objetivo específico: demonstrar como se dá a tradução semântica, por parte dos jornalistas, repórteres, entrevistadores e apresentadores, de enunciados relacionados à língua portuguesa, proferidos por entrevistados, ou de enunciados tomados de base para comentários dos jornalistas.

Para tanto, recortamos, como *corpus* de análise, entrevistas do *Programa do Jô*; uma entrevista do *Jornal Hoje*; e um trecho do jornal matutino *Bom dia, Brasil*. Mais especificamente, o *corpus* constitui-se de duas entrevistas do *Programa do Jô*, a saber, as realizadas com o gramático Evanildo Bechara e com o linguista Ataliba de Castilho; uma entrevista realizada com o *rapper* Emicida no *Jornal Hoje*, na qual foi abordada a relação do músico com a língua; e de um trecho do jornal *Bom dia, Brasil*, em que, motivados pela polêmica da aprovação, pelo Ministério da Educação, do livro *Por uma vida Melhor* da autora Heloísa Ramos, o âncora do jornal e o comentarista Alexandre Garcia fazem considerações sobre o livro e sua aprovação pelo MEC.

A seleção do *corpus* se deu em função de: (i) as entrevistas realizadas no *Programa do Jô* serem concedidas, respectivamente, por um gramático e por um linguista de referência no país; (ii) no caso do trecho do jornal *Bom dia, Brasil*, por haver a presença de um professor de língua portuguesa e consultor da Globo, supostamente, portanto, uma autoridade no assunto; (iii) no *Jornal Hoje*, a entrevista ter sido concedida por um *rapper* brasileiro, cujo material de trabalho é a língua portuguesa, o que, em certa medida, representa a língua que os falantes usam no dia-a-dia, a “língua viva”. Outra justificativa para a seleção do *corpus* é que o material analisado permite perceber diferentes modos de funcionamento da polêmica em torno da língua portuguesa, na medida em que possibilita perceber diferentes modos de um posicionamento lidar com o seu Outro.

No que se refere a questões metodológicas, a abordagem desse *corpus* foi feita conforme o que postula Pêcheux (2002), segundo o qual a análise se dá a partir da alternância entre os movimentos de descrição e de interpretação do objeto, sem, entretanto, tratá-los como atividades indiscerníveis. Assumimos também os pressupostos teóricos-metodológicos postulados, em *Gênese dos Discursos*, por Dominique Maingueneau (2008a), para quem o tratamento metodológico dos dados se dá a partir de hipóteses fundamentadas na história e de um conjunto de textos, sendo que a análise desse material deve confirmar ou refutar as hipóteses levantadas.

Nossa dissertação está organizada, em dois capítulos. No primeiro capítulo, *Fundamentação teórica: Gênese dos discursos*, apresentamos os postulados teóricos desenvolvidos por Dominique Maingueneau em *Gênese dos discursos* (2008a), que fundamentam nosso trabalho. Focalizamos, mais detalhadamente, o percurso teórico de Maingueneau (2008a) ao postular as noções basilares mobilizadas em nossas análises, a saber, *Interincompreensão e Simulacro*.

No segundo capítulo, *Processo de interincompreensão discursiva e construção de simulacros*, voltamo-nos para a descrição e análise do *corpus*. O capítulo está subdividido, a cada análise, conforme o seguinte roteiro: (i) transcrição integral da entrevista ou de um trecho da edição do jornal *Bom dia, Brasil*; (ii) uma espécie de síntese descritiva e interpretativa das interlocuções que ocorrem nos eventos enunciativos considerados, (iii) o rastreamento dos posicionamentos a partir dos quais os enunciadores produzem seus enunciados; (iv) a análise dos processos de interincompreensão e, quando for o caso, a construção de simulacros.

Ainda sobre o segundo capítulo, consideramos importante salientar que o processo de ordenação de análise das entrevistas e trecho de jornal pautou-se em um critério cronológico, ainda que esse critério não seja relevante da perspectiva da AD. Faz-se necessário esclarecer também que os dados analisados não são, originalmente, escritos, mas foram transcritos¹ dos programas televisivos tomados para análise.

No Brasil, como suporte para a transcrição de textos orais, há orientações elaboradas por Marchuschi (1986) e atualizadas pelo Projeto da Norma Urbana Oral Culta (NURC), a fim de que haja uma padronização dessas transcrições de entrevistas. A seguir, detalha-se o significado de algumas das convenções elaboradas por Marcuschi (1986) e utilizadas em nossas transcrições:

¹ Além das orientações elaboradas pelo NURC, cabe salientar que, em nossas transcrições, fizemos uso do alfabeto fonético do português brasileiro disponível no site: <http://fonologia.org>. ISBN 978-85-7758-135-1

Quadro 1: Resumo explicativo das normas compiladas e dos exemplos apresentados por Marcuschi (1986)

Situação	Convenção
Qualquer pausa na fala	...
Comentários do transcritor	((ruído))
Truncamento, interrupção discursiva	/ (ex.: a meni/ a menina vai fazer...; o menino/ a menina vai fazer...)
Interrogação feita	?
Entonação enfática na fala	Letras em maiúsculo (Ex.: ela quer UMA solução, não qualquer solução)
Silabação	- - (Ex.: Eu estou pro-fun-da-men-te chateada)

CAPÍTULO 1

Fundamentação teórica - *Gênese dos discursos*

Nossa proposta de trabalho tem como base pressupostos teóricos apresentados por Dominique Maingueneau em *Gênese dos Discursos*² (2008a). Essa obra, conforme afirmam Possenti e Mussalim (2010, p. 64), dá um novo direcionamento e abre muitas possibilidades teórico-analíticas para os trabalhos em AD:

Gênese é o ponto de partida para o desenvolvimento de muitos conceitos que também se mostrarão produtivos fora do quadro teórico de uma semântica global, proposta como hipótese basilar de todas as formulações do livro.

Uma outra contribuição de Maingueneau, ressaltada pelos autores, diz respeito ao modo de condução da pesquisa: “um analista do discurso tem que se confrontar de maneira assídua com um terreno (um corpus de grandes dimensões) para alimentar sua reflexão teórica, sob o risco de, se não o fizer, não dar conta dos funcionamentos discursivos”. (POSSENTI e MUSSALIM, 2010, p. 67).

No que diz respeito aos conceitos propostos por Maingueneau em *Gênese* (2008a), a postulação central da obra é o primado do interdiscurso, segundo o qual um discurso constitui-se de forma heterogênea numa relação inextricável com seu Outro. Para compreender como ocorre esse processo de constituição dos discursos, é necessário compreender a tríade “universo discursivo”, “campo discursivo” e “espaço discursivo”, que constituem o interdiscurso.

Partindo do conceito mais amplo, universo discursivo é o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa conjuntura dada. Trata-se de um conjunto finito, mesmo não sendo possível sua apreensão total. Para o analista do discurso, esse conceito é útil, na medida em que define o horizonte a partir do qual serão estudados os campos discursivos, ou seja, um conjunto de formações discursivas (ou posicionamentos) que se encontram em relação de concorrência. O termo concorrência, segundo o autor, deve ser entendido de maneira

² Dominique Maingueneau realizou, na década de 70 do século XX, na França, uma longa pesquisa empírica acerca dos discursos religiosos do século XVII, objetivando a descrição da semântica desses discursos. O *corpus* analisado por Maingueneau constituía-se em dois discursos devotos da França do século XVII, a saber, o *humanismo devoto* e o *jansenismo*. Como resultado dessa pesquisa, em 1979, é publicada sua tese de doutoramento (*Sémantique de la polemique. Du discours à l'interdiscours*). São as reflexões desta tese que são retomadas anos mais tarde e que culminam em *Gênese dos discursos*, publicado originariamente em 1984, com o título *Genèses du discours*.

ampla, como aliança, neutralidade aparente, confronto e etc., entre discursos que possuem a mesma função social. O campo discursivo é, nas palavras do autor, “uma abstração necessária, que deve permitir redes de trocas” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 34). Desse modo, nada tendo de evidente, o campo discursivo, para ser apreendido, depende de escolhas e hipóteses do analista, e será no interior de um campo que um discurso (isto é, um posicionamento, uma identidade discursiva forte e em incessante processo de configuração) se constitui, por meio de operações regulares sobre outros posicionamentos já existentes.

Definido o campo discursivo, o analista é levado a isolar, afirma Maingueneau (2008a), de acordo com seus propósitos de análise, subconjuntos de formações discursivas (ou posicionamentos) desse campo, que serão postos em relação. Delimita-se, assim, o espaço discursivo, que não estava previamente dado, mas resultou de escolhas do analista.

Maingueneau (2008a) afirma que, no reconhecimento do primado do interdiscurso, incita-se a construção de um “sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro”. Assim, a relação entre o Mesmo e o Outro é repensada, de modo que o Outro, na perspectiva de Maingueneau (2008a, p. 37), não é concebido como um invólucro do discurso:

O Outro não é um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade externa [...]. Ele se encontra na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. Ele é aquele que faz sistematicamente falta a um discurso e lhe permite encerrar-se em um todo. É aquela parte do sentido que foi necessário o discurso sacrificar para construir a própria identidade.

Dessa perspectiva, todo enunciado do discurso possui um caráter dialógico, na medida em que um posicionamento discursivo retira seu princípio de unidade do conflito regulado com seu Outro. Esse modo de conceber a heterogeneidade vai além da distinção entre heterogeneidade mostrada, marcada ou constitutiva, visto que o Outro não se encontra especificamente nos enunciados portadores de citações ou alusões; diferentemente, o Outro é, precisamente, aquele discurso do qual se deseja afastar para se constituir em um posicionamento discursivo, que delimita o espaço daquilo que pode ou não pode ser dito, tendo em vista o dizível do Outro. Desse modo, não há possibilidade de dissociar da interação dos discursos o

funcionamento intradiscursivo; toda coerência semântica dos posicionamentos decorre do conflito regulado que ocorre no interior de um campo discursivo.

O Outro, segundo a perspectiva de Maingueneau (2008a, p. 37), “circunscreve justamente o dizível insuportável, sobre cujo interdito se constitui o discurso”. Não há, pois, a necessidade de, a cada enunciação, afirmar-se que não se admite o Outro, visto que o dizer do Mesmo já exclui seu discurso concorrente. Assim sendo, o “direito” e o “avesso” de um enunciado são indissociáveis. Para além das questões relativas ao que dizer, Maingueneau (2008a) postula, ainda, que, embora não haja, para um discurso, a existência de uma “língua” específica, existe uma submissão dos enunciados a restrições específicas ao tipo de discurso e ao posicionamento no campo de onde esse enunciado provém – que estaria relacionado ao “como” dizer.

Maingueneau conceitua então o *sistema de restrições semânticas*, que diz respeito a “um filtro que fixa os critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem como pertencendo a um posicionamento discursivo determinado.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 48). As “filtragens” operadas por esse sistema de restrições semânticas incidem sobre o universo intertextual no qual circulam os actantes e onde se dão as relações interdiscursivas, bem como sobre os múltiplos dispositivos retóricos acessíveis à enunciação do discurso em análise.

Assim sendo, segundo Maingueneau (2008a), em função da competência discursiva, descrita a partir desse sistema de restrições, é possível compreender a razão pela qual são produzidos determinados enunciados e não outros em um posicionamento discursivo. Por essa proposta de Maingueneau, tal sistema de restrição poderia ser ‘aprendido’ pelos sujeitos, como forma de uma competência. Entretanto, essa competência não está nem no domínio do individual de um sujeito, nem no que poderia ser chamado de consciência coletiva. Trata-se, antes, da interiorização do funcionamento discursivo em toda sua complexidade, por parte do sujeito inscrito em um posicionamento; o enunciador de um discurso possui a competência de saber o que pode ou não pode dizer a partir do posicionamento em que se encontra. Trata-se, na verdade, de uma *competência interdiscursiva*, uma vez que o enunciador de um discurso, além de reconhecer quais enunciados são compatíveis com o sistema de restrições que rege o posicionamento em que se inscreve, tem ainda a aptidão para reconhecer a incompatibilidade de enunciados proferidos de posicionamentos que constituem o Outro, bem como a de interpretar e traduzir os enunciados do Outro nas categorias do seu próprio sistema de restrições semânticas.

Essa competência de ‘tradução’ está relacionada ao próprio sistema de restrições. Para Maingueneau, esse sistema constitui-se não apenas dos semas valorizados pelo posicionamento discursivo em questão, mas também pelos seus avessos. Disso resulta o fato de que um posicionamento discursivo não consegue traduzir ou o interpretar seu Outro tal como ele é, uma vez que é incapaz de sair de seu fechamento semântico; inscrito em um posicionamento discursivo, só é possível emprestar ao Outro “suas próprias palavras, manifestando assim, a irreduzível descontinuidade que funda o espaço discursivo”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 55) A esse fenômeno, o autor se refere como *interincompreensão* – um processo decorrente da impossibilidade de compreender o Outro tal como ele é. Em virtude de suas restrições semânticas, um discurso está condenado a produzir simulacros do Outro, e esses simulacros são tidos como o avesso do si, isto é, como aquilo que é necessário relegar ao interdito para se constituir enquanto identidade discursiva forte em um campo discursivo.

Nesse percurso de teorização a respeito da constituição dos discursos, Maingueneau (2008a) dá ênfase ao modo como um discurso se distancia de seu Outro para se constituir. Do mesmo modo, reforçaremos em nossa resenha, a noção de polêmica discursiva como um processo de *interincompreensão* generalizada, conceitos caros ao nosso trabalho.

O espaço discursivo é considerado como rede de interação semântica, no qual a *interincompreensão* é condição de possibilidade para as várias posições enunciativas. Assim, a mesma grade semântica que legitima a enunciação de um posicionamento discursivo faz com que esse posicionamento “não compreenda” os enunciados do Outro:

Cada discurso repousa, de fato, sobre um conjunto de semas repartidos em dois registros: de um lado, os semas “positivos, reivindicados; de outro, os semas “negativos”, rejeitados. A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. (MAINGUENEAU, 2008a, p.100)

Desse modo, os enunciados do Outro só são “compreendidos” no interior do fechamento semântico do tradutor. Assim, para construir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso tradutor não compreende o Outro como tal, mas, como postula Maingueneau (2008a), o *discurso-agente*, ou o tradutor, só consegue haver-se com o *discurso-paciente* (o discurso traduzido/o Outro) sob a forma de simulacro. O autor esclarece a esse respeito que a tradução discursiva é um mecanismo necessário e regular que remete à constituição de posicionamentos

discursivos. Dessa perspectiva, interincompreensão não se deve aos mal-entendidos languageiros usuais; ela decorre, na verdade, do fato de cada formação discursiva ter uma maneira própria de traduzir e interpretar o seu Outro. Nesse sentido, na relação polêmica, a relação com o Outro é função da relação consigo mesmo, de modo que um posicionamento discursivo ganha identidade definindo, em virtude do interdiscurso e de seu fechamento no interior de um espaço discursivo, uma grade de sentido que lhe é própria e, ao mesmo tempo, um modo de coexistência com os outros discursos: “O outro representa esse duplo cuja existência afeta radicalmente o narcisismo do discurso, ao mesmo tempo em que lhe permite ter acesso à existência” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 118). Pode-se dizer, então, que a polêmica é necessária, visto que, sem a relação com o Outro, sem essa falta que o discurso do Mesmo reivindica para se constituir, a identidade do discurso correria o risco de se desfazer: “O discurso não tem razão a não ser na medida em que se crê que ele pode ser ameaçado, isto é, que é de fato o Outro que ele destrói, e não seu simulacro” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 114).

A polêmica, pois, nas palavras de Maingueneau (2008a, p. 108), “aparece como uma espécie de homeopatia perversa: ela introduz o Outro em seu recinto para melhor afastar sua ameaça...”. Contudo, esse Outro só aparece sobre forma de simulacro. Assim, a polêmica mantém um duplo laço com o simulacro: ela mesma é um *simulacro de guerra*, visto que ela só é capaz de traduzir o Outro enquanto simulacro. A cada refutação bem sucedida ocorre uma vitória sobre o simulacro do Outro criado pelo Mesmo, ou seja, uma vitória do “verdadeiro” sobre o “falso”. Assim, o Mesmo polemiza com aquilo de que se separou com a finalidade de constituir-se, e essa separação/exclusão é reiterada, de modo explícito ou implícito, em cada uma das enunciações do *discurso-agente*.

Na busca pelas regularidades de um posicionamento discursivo, Maingueneau (2008a) funda seu procedimento de análise em uma **semântica global**, apreendendo o discurso de modo a integrar todas as suas dimensões, tanto no que concerne ao enunciado, quanto à enunciação. Assim sendo, é a significância discursiva em todo seu conjunto que deve ser visada.

As dimensões discursivas apresentadas por Maingueneau (2008a) são: *a intertextualidade, o vocabulário, os temas, o estatuto do enunciador e do destinatário, a dêixis enunciativa, o modo de enunciação e o modo de coesão*. Todas essas dimensões (e outras não citadas pelo autor) se estruturam em função do sistema de restrições semânticas de uma formação discursiva (ou posicionamento).

No que se refere à *intertextualidade*, Maingueneau (2008a) diferencia o intertexto, ou seja, o conjunto de textos que um discurso cita, da intertextualidade, que se refere aos tipos de relações intertextuais que a competência discursiva atesta como legítimas. Ainda segundo o autor, há dois tipos possíveis de intertextualidade: a interna, que remete à memória discursiva do interior do campo; e a externa, que se refere à relação de um discurso com textos produzidos em outros campos discursivos.

Ao se referir à dimensão do *vocabulário*, o autor não remete à existência de um léxico próprio a um discurso, mas sim ao fato de que há explorações semânticas contraditórias de mesmas unidades lexicais por discursos concorrentes. Assim sendo, o modo como as palavras são utilizadas indicam o posicionamento discursivo a partir do qual um texto é produzido: “As unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento. Entre vários termos *a priori* equivalentes, os enunciadores serão levados a utilizar aqueles que marcam sua posição no campo.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 81).

A dimensão dos *temas*, por sua vez, refere-se àquilo de que um discurso trata em qualquer nível. Há temas mais importantes, ou seja, aqueles que recaem diretamente sobre as articulações de modelo semântico, e temas que são impostos. Entretanto, Maingueneau (2008a) afirma, novamente, que o que importa é o modo de tratamento do tema e não o tema em si, de modo que os efeitos de sentido decorrentes do tratamento de um determinado tema se constituem a partir de cada posicionamento do campo, em função das relações interdiscursivas estabelecidas por esse posicionamento em análise. Assim, o sistema de restrições semânticas de cada posicionamento do campo irá tratar, à sua maneira, o tema abordado.

Analisando diferentes formações discursivas de um mesmo campo, Maingueneau (2008a, p. 84) afirma a existência de temas que são impostos pelo campo e de temas específicos a cada discurso. De todos esses temas, há aqueles que são compatíveis com um discurso, sendo que sua “presença se explica por sua relação semântica privilegiada com o sistema de restrições semânticas”. O autor ainda esclarece que, no caso de haver temas impostos pelo campo que sejam, em alguma medida, incompatíveis com o sistema de restrições de um discurso, eles serão marginalizados pelo posicionamento discursivo.

Outra dimensão da semântica considerada por Maingueneau (2008a) é o *estatuto do enunciadador e do destinatário*, ou seja, quem tem a legitimidade de enunciar de determinado

posicionamento discursivo, e quem deve ser o destinatário de um discurso para legitimar o dizer de um enunciador.

No que se refere à dimensão da *déixis enunciativa*, Maingueneau (2008a) postula a existência das coordenadas de espaço e de tempo da enunciação, que são, no quadro teórico em questão, coordenadas de natureza ideológica, não necessariamente coincidentes com o espaço e tempo da situação de enunciação. Maingueneau (2008a) conceitua essa dupla modalidade como *cena e cronologia*, conceitos que, em trabalhos seguintes do teórico, serão reformulados como *topografia e cronografia*, respectivamente.

Ainda ampliando os planos relevantes a serem considerados na apreensão de um discurso, Maingueneau (2008a, p. 90) defende que

um discurso não é somente determinado conteúdo associado a uma *déixis* e a um estatuto de enunciador e de destinatário, é também uma “maneira de dizer” específica, a que nós chamaremos de *modo de enunciação*.

Estão relacionadas a esse modo de enunciação as noções de gênero do discurso e de *tom*. Segundo Maingueneau (2008a), o discurso produz um espaço no qual se desdobra uma voz que lhe é própria. Trata-se de uma “maneira de dizer”, ou seja, de circunscrever como é a voz que a semântica de um discurso impõe. O discurso, mesmo escrito, possui um tom próprio, uma voz característica. Da mesma forma que as demais dimensões, o modo de enunciação de um discurso também obedece às restrições semânticas que regem o próprio discurso: há uma imbricação radical do discurso e de seu modo de enunciação. Não se trata, pois, de uma escolha por parte do enunciador, mas sim do que Maingueneau (2008a) chama de uma *incorporação* das regras semânticas.³

No que se refere ao *modo de coesão*, Maingueneau (2008a) afirma existir, em cada posicionamento, um modo pelo qual o discurso constrói sua rede de remissões internas. Assim, cada posicionamento discursivo tem um modo próprio de construir seus parágrafos, seus capítulos, suas argumentações. Todos os *encadeamentos* de unidades pequenas ou grandes, conforme o posicionamento, não escapam, como já dissemos antes, de uma semântica global.

A proposta de Maingueneau (2008a) visa, ainda, a articular discurso e instituições através de um sistema de restrições semânticas comum, rejeitando a concepção de que a instituição seria

³ Desenvolvendo melhor as noções de incorporação, modo de enunciação e tom, Maingueneau retoma essas noções quando discute a noção de *ethos* discursivo em obras como *Cena da enunciação* (2008b) e *Análise de textos de comunicação* (2013).

“externa” ao discurso. É exatamente essa articulação que interessa a Maingueneau (2008a) e não a instituição em si. A esse respeito, quando o autor considera o funcionamento de um discurso, ou a passagem de um discurso a outro, afirma:

Se se constata que a mudança de dominação discursiva num campo é acompanhada também de uma mudança correlativa dos espaços institucionais, e que tal mudança é pensável em termos de semântica global, isso significa que também nesse nível não há transformação gradual dos enunciadores de um discurso a enunciadores de outros discursos por uma série de microevoluções, mas substituição do conjunto de uma população de enunciadores, de uma rede de produção-difusão etc... de um certo tipo por outros. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 121)

Deste modo, ao considerar que a mudança de um discurso a outro em um campo é seguida de uma alteração equivalente dos espaços institucionais, uma vez que as instituições também estão submetidas ao mesmo processo de estruturação do discurso, Maingueneau (2008a) assume como pressuposto que o laço semântico também estrutura os aspectos práticos e concretos de todas as práticas institucionais. Como exemplo dessa imbricação das duas instâncias aqui consideradas – o discurso e a instituição da qual ele faz parte –, o autor cita a organização concreta da vida escolar: a arquitetura, a disposição dos mobiliários, os exercícios efetuados, a organização dos horários, a maneira como os protagonistas desse espaço se relacionam, dentre outros aspectos, obedecem aos mesmos esquemas semânticos dos conteúdos transmitidos pelas disciplinas escolares que fazem parte da instituição escolar. Dessa perspectiva, estando o sujeito discursivo inserido em uma instituição, o que é produzido por esse sujeito estará condicionado, quer ele queira ou não, pelo estatuto de uma comunidade discursiva à qual ele se filia. Os *ritos genéticos*, portanto, isto é, o conjunto de atos realizados por um sujeito em vias de produzir um enunciado (desde os elementos pré-textuais, até comportamentos que vão para além da escrita), encontram-se submetidos à instituição à qual esse sujeito se vincula. É nesse sentido que Maingueneau (2008a, p. 136) afirma que o objeto de sua teoria se desloca do discurso para a *prática discursiva*, que comporta o “sistema de relações” que regulam, em um discurso dado, “as localizações institucionais das diversas posições que o sujeito da enunciação pode ocupar”.

Ampliando a compreensão do que pode vir a ser considerado uma prática discursiva, o autor afirma que a prática discursiva é uma *prática intersemiótica*, postulação que implica a

consideração de que a validade do sistema de restrições semânticas próprias a um discurso não se restringe apenas ao domínio linguístico, mas incide sobre outras semioses. Segundo Maingueneau (2008a), os diversos suportes semióticos não são independentes uns dos outros, mas se encontram submetidos às mesmas coerções e restrições históricas. Como exemplo, cita as noções de “escola” ou “movimento” que atravessam os diversos domínios semióticos, abrangendo a literatura, as pinturas, a música, a arquitetura, e conclui: “O pertencimento a uma mesma prática discursiva de objetos derivados de domínios semióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas”. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 138)

Nessa perspectiva, Maingueneau (2008a) novamente afirma ser a prática discursiva a unidade de análise pertinente, sendo seus variados domínios semióticos (enunciados, telas, composições musicais, arquitetura, etc.), integradores dessa prática discursiva.

Contudo, no interior de um posicionamento discursivo, a coexistência de textos de diversas semioses não ocorre livremente. Ocorrem restrições, em função dos gêneros que figuram na prática discursiva. Essas restrições indicam o que cada prática discursiva pode mobilizar. Como exemplo, Maingueneau (2008a) cita que, no interior da prática devota no século XVII, o estatuto da pintura é supervalorizado no discurso humanista devoto, ao passo que ela é marginalizada no discurso jansenista.

A competência discursiva proposta por Maingueneau (2008a) certamente se estende para as diversas práticas semióticas no interior de um posicionamento. Assim sendo, não se reserva o princípio de uma competência discursiva apenas aos enunciadores de um discurso verbal; tanto esse enunciadores, quanto pintores, músicos ou arquitetos, se inscritos em um mesmo posicionamento discursivo, dispõem da mesma rede regras no tratamento dos materiais significantes. Sendo assim, o enunciador de um texto verbal e o pintor, por exemplo, são capazes de “reconhecer a incompatibilidade das produções de seu Outro, assim como a coincidência de tais e tais produções com as regras de sua própria formação discursiva” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 140).

Por fim, cabe acrescentar que os textos das diversas semioses (verbais e não verbais) produzidos a partir de um mesmo posicionamento estão submetidos a determinado número de condições que definem sua legitimidade: estão submetidos a um “modo de coexistência”, a uma “vocalização enunciativa”, a “ritos genéricos” e a “condições de emprego”.

Feita essa apresentação do quadro teórico que embasa este trabalho, passaremos, no capítulo a seguir, às análises.

CAPÍTULO 2

Processo de interincompreensão discursiva e construção de simulacros

Este capítulo está subdividido, a cada análise, conforme o seguinte roteiro: (i) transcrição integral da entrevista ou de um trecho da edição do jornal *Bom dia, Brasil*; (ii) uma espécie de síntese descritiva e interpretativa das interlocuções que ocorrem nos eventos enunciativos considerados; (iii) o rastreamento dos posicionamentos a partir dos quais os enunciadores produzem seus enunciados; (iv) a análise dos processos de interincompreensão e, quando for o caso, a construção de simulacros. Vale, entretanto, ressaltar que, antes das duas entrevistas do *Programa do Jô* que serão analisadas, será feita uma breve contextualização do Programa, e que, antes da análise do restante do *corpus* – entrevista e trecho de edição de jornal – será apresentado o relato de experiências do contato do jornalismo da Globo com estudos da área da Linguística.

2.1 Contextualização do *Programa do Jô*

Jô Soares além de apresentador, realizou vários trabalhos na televisão brasileira, na função de ator, autor, roteirista e diretor. No formato do programa que analisamos em nossa pesquisa (um *talk show*), Jô Soares iniciou seu trabalho em 1970, com o extinto programa *Globo Gente*, na Rede Globo. Anos mais tarde, firmando-se nesse gênero televisivo, o apresentador troca a Rede Globo de Televisão pela emissora SBT, na qual apresentava o programa *Jô Soares Onze e Meia*.

De acordo com Silva (2013), em abril de 1973, ao levar ao ar o programa *Globo Gente*, apresentado por Jô Soares, a Rede Globo pretendia acrescentar informação e humor à programação noturna. A intenção do programa era seguir o modelo do *talk show* norte-americano *Tonight!*, no qual havia a união de entrevistas, humor e diversão.

Aproximadamente vinte anos mais tarde, já no Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), o apresentador lançou o *Jô Soares Onze e Meia*. Foi nesse programa que Jô Soares, valendo-se de uma consolidada carreira no humor, firmou-se como apresentador de *talk show*. A repercussão desse programa no cenário televisivo nacional foi tanta que a nomenclatura *talk show* só passou a

ser efetivamente empregada no Brasil após esse programa. Sobre a repercussão do programa *Jô Soares Onze e Meia*, Silva (2013) afirma:

Segundo reportagem da revista *Veja*, o *Jô Soares Onze e Meia* tornou-se o melhor programa da televisão brasileira, com a liderança de audiência para o horário, chegando a uma média de oito pontos segundo o Ibope (VEJA, 19 ago. 1992, p. 82-88). O motivo de seu grande sucesso, ainda segundo a revista, era a habilidade do apresentador em produzir humor “em sintonia com grandes acontecimentos políticos” (idem, p. 83), característica que marca Jô Soares desde os anos 1970 em seus programas humorísticos, textos jornalísticos e também no *Globo Gente*. As distinções no contexto televisivo, social, político e econômico, portanto, foram decisivas para o fracasso do *Globo Gente* e o sucesso do *Onze e Meia*, que resultou na consolidação e popularização do gênero *talk show* no Brasil. (SILVA, 2013, p. 124)

Após alguns anos no SBT, em abril do ano 2000, Jô Soares retornou à Rede Globo de Televisão. O programa, exibido na faixa da madrugada, após o último jornal da programação diária, recebeu o nome de *Programa do Jô*. No ar, por mais de 16 anos, o *Programa do Jô* manteve as características do gênero *talk show*.

A seguir, apresentamos quatro fotografias, respectivamente, da: (i) entrevista de Ataliba Castilho no *Programa do Jô*; (ii) disposição da mesa do entrevistador e da cadeira do entrevistado no cenário do programa; (iii) perspectiva de visão de alguém sentado na plateia assistindo ao *Programa do Jô*; e (iv) disposição da plateia do programa no estúdio.



Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Imagem 4

Em certa medida, as fotografias acima corroboram a inserção do *Programa do Jô* no gênero *talk show*, visto que, de acordo com Silva (2013), os cenários desse tipo de programa visam reproduzir uma sala de visitas ou um divã. Há ainda, entretanto, outras marcas que reforçam a categorização do Programa como um *talk show*: (i) a presença de um apresentador célebre; (ii) a “ilusão do tempo presente”, como se a cena fosse ao vivo; (iii) a presença de uma plateia; (iv) um espectro variado de convidados que podem ser celebridades, especialistas ou pessoas comuns; e (v) a abordagem temática voltada para a vida social, política ou pessoal. Martinez (2003) afirma que se busca, nesse tipo de programa, a construção de efeitos de sentido de espontaneidade, participação e intimidade.

Considerando, pois, todas essas características, aliadas ao efeito humorístico, parece-nos que há um modo especial de lidar com as diversas temáticas abordadas no Programa, que acaba por influenciar, inclusive, o modo como se constitui a polêmica discursiva, em função dos posicionamentos discursivos a partir dos quais enunciam apresentador e entrevistado.

2.2 Transcrição integral da entrevista de Evanildo Bechara ao *Programa do Jô*⁴

JÔ SOARES (J) - Ele é um dos gramáticos e filólogos mais respeitados no país, imortal na Academia... está sendo homenageado pelos seus 80 anos, eu vou conversar com Evanildo Bechara.

J - Você tá em plena forma...

⁴ A entrevista de Evanildo Bechara, realizada no *Programa do Jô*, ocorreu no dia 13 de abril de 2008.

Evanildo Bechara (E)- É o que dizem.

J - Tô vendo que esse negócio de imortal vale mesmo...

E - Nós somos Imortais, mas não imorríveis...

J - É... infelizmente.

E - Mas quando a Academia começou, ela não tinha os recursos que tem hoje e perguntaram a Olavo Bilac, por que a pessoa ao entrar para Academia passava a Imortal. Ele disse: isso é porque a gente não tem onde cair morto.

J - Aí passaria ser imortal, não tinha outro jeito.

J - Aqui o livro: “Homenagem - Evanildo Bechara”, pela Editora Lucena e tem aqui o sinal da Nova Fronteira também...

E - E preparado pelos colegas da Universidade, da PUC de São Paulo...

J - Você falou agora que não tinha não tinha recursos, não tinha mesmo, hoje em dia a coisa é diferente... Acho que desde o tempo do Austregésilo...

E - Mas o primeiro grande benfeitor foi Francisco Alves, um livreiro que ao morrer, não tendo herdeiros, resolveu doar sua fortuna para a Academia Brasileira. Foi aí que a Academia começou a poder organizar os seus concursos a oferecer prêmios... Porque a Academia até hoje, desde a sua fundação, não recebe subvenção, nem do Federal, nem do Estadual, nem do Municipal. Ela vive dos recursos dos aluguéis dos prédios que o Francisco Alves deixou. Mais recentemente essa grande organização mental que foi Austregésilo, que permitiu a construção de um edifício...

J - Aliás, na época na época do Austregésilo, se não me engano, o terreno onde está a Academia foi uma doação...

E - Foi uma doação. Ali funcionou o Senado, quer dizer a Câmara

J - A Câmara dos Deputados...

E - Depois funcionou a faculdade de filosofia... Não é? A UFRJ hoje e depois o terreno foi doado, com apoio da Caixa Econômica, e durante 20 anos Academia pagou a Caixa Econômica a construção do prédio.

J - Você é o tesoureiro da Academia hoje em dia...

E - Sou pela segunda vez... [...] O povo não tem ideia da ação que faz a Academia em prol da cultura desse país, ela publica livros, ela patrocina conferências o ano todo. Esse ano por exemplo nós estamos comemorando dois centenários: o da vinda da família real e o de Machado

de Assis... O nascimento de Machado de Assis, aliás morte de Machado de Assis. Então o que acontece.... Acontece que a Academia só para Machado de Assis tem mais de 20 conferências que começam amanhã.

J - Se confunde na hora dessas homenagens? Você mesmo sem querer confundiu agora para comemorar nascimento ou não a morte... Por que não comemoram uma data só para todo mundo?

E - Porque o nascimento é entrada de um gênio para a vida... e a morte... A morte é a saída para Eternidade. De modo que nos dois, nas duas portas, ele merece reverência...

J - Mas dá uma certa confusão, né?

E - Ah sim...

J - Nascimento... não... é morte... agora, por exemplo, é o nascimento...

E - Agora é. Não. Agora é da morte dele.

J - Você ia se confundir de novo...

((Risos))

J - Ah! Reforma ortográfica. Ah... Vamos falar um pouquinho dela, pois tem umas coisas que são estranhas para mim.

E - Certo.

J - Não é? Fim do trema. As pessoas nem levam muito a sério o trema. Não é? Na hora de escrever...

E - Tremem diante dele.

J - Tremem diante do trema. Por exemplo a palavra frequente vai passar a se escrever sem trema?

E - Sem trema.

J - Quer dizer, aqueles que são... que seguem ao pé da letra vão passar a dizer fre[k]ente?

E - Não.

J - Pin[g]in ao invés de pin[gu]in?

E - É... é... Não chega a tanto. Sabe por que? Porque a língua é antes de tudo uma tradição. A língua é antes de tudo uma tradição. No Ceará só se diz [frekecia]. E o acento que o ortógrafo imagina que dá a possibilidade de a palavra ser proferida corretamente... o acento não garante. Por exemplo 'recém' tem acento agudo na sílaba tônica, e você só ouve por aí r[ε]cem.

J - Eu nunca ouvi isso. Você vai me desculpar...

E - r[ɛ]cem nascido...

J - Meu querido imortal, eu nunca ouvi r[ɛ]cem..

E - R[ɛ]cem nascido, r[ɛ]cem criado... É muito comum isso.

J - É?

E - É. A palavra por exemplo... é... gratuito. Não tem acento. Porque é um ditongo. Mas só se ouve gratu[i]to, inclusive na televisão.

J - Onde é que você tem andando que eu não ouço esses absurdos?

E - Ah, mas é porque...

J - No chá da Academia?

E - Não... não, não, não... isso aí, às vezes, a gente escuta na rua, a gente escuta na televisão, escuta no rádio.

J - Gratu[i]to?

E - Gratu[i]to... é... a gente... é... normal. Entrada gratu[i]ta, como a pessoa diz.

J - Eu nunca fui nesse cinema aí, eu nunca fui...

E - Outra coisa, flu[í]do.

J - An...

E - No lugar de fluido. Ocorre isso.

J - Eu nunca ouvi. Eu quero saber onde é... que ambientes você anda frequentando.

E - É o ambiente dos que falam português.

J - Agora, por exemplo, é [inkeritʊ] ou [inkʊeritʊ]?

E - A palavra é [inkeritʊ].

J - Mas tem gente que fala [inkʊeritʊ].

E - Tem gente que fala [inkʊeritʊ]. Como, por exemplo, no Brasil a gente manda o aluno pronunciar, por exemplo, uma palavra que em Portugal eles pronunciam com o “u” e nós pronunciamos sem o “u”. Agora não me vem à mente a palavra. É uma prova de que o acento não é a garantia de que a palavra vai ser pronunciada corretamente.

J - Mas então não seria melhor fazer uma reforma, desculpa a minha ousadia, de abolir os acentos todos logo.

E - Não... os acentos... Nós podemos fazer como os espanhóis que só acentuam as sílabas tônicas. Em português nós temos um defeito, porque o primeiro ortógrafo científico foi um grande foneticista, Gonçalves Viana. E o Gonçalves Viana, como foneticista, tentava fazer com que a palavra fosse reprodução fiel da sua pronúncia... a grafia da palavra... E isso trouxe uma confusão, porque à medida que você põe um acento, você cria uma tradição fonética, que nem sempre coincide Brasil e Portugal.

J - É... Quase nunca.

E - Exatamente. Não coincide. A história... cada palavra... O Platão tem uma frase que diz assim “As palavras dizem o que são.” Elas são responsáveis pela sua existência. Então você veja por exemplo a palavra “menino”. No Brasil, nós temos pelo menos três pronúncias diferentes para “menino”. Conforme seja no Norte, no Centro, no Sul... E em Portugal eles pronunciam “menino” com duas sílabas. Agora na hora de escrever todo mundo escreve normalmente.

J - Mas também no Brasil tem o hábito de se dizer que o português é uma língua fácil, porque a gente fala... é... é falada como se escreve. O que é um engano, não é?

E - É um engano. É um engano, realmente.

J - Ninguém diz biscoit[o]... é biscoit[u].

E - Há regiões em que se diz biscoit[o].

J - Aonde... assim?

E - No Sul...

J - No Sul... não é?

E - E não é influência espanhola como se diz. É influência argentina... uruguaia... onde o “o” final não se pronuncia como “u”.

J - Sabe uma coisa que eu acho estranha, falando em espanhol, é aquela coisa de acentuar já no início, quando há uma interrogação. Por que tem medo que a pessoa não saiba que aquilo é uma interrogação no final?

E - Não é que acontece o seguinte...

J - Que horas são? Se não botar antes... ?!

E - É... Não... o que acontece é o seguinte, em: “que horas são?”, você já tem uma palavra interrogativa...

J - An?..

E – Que é o “que”. Se você disser: “O homem chegou?”, se você não colocar o acento previamente, você só vai dar a entoação interrogativa quando vir no final da frase o ponto de interrogação.

J – Sim, claro... Mas...

E – Então isso...

J – Em espanhol o cara já precisa se preparar...

E – Se preparar...

J – “Será que o homem vai chegar ou não? Deixa eu ver... Ah! Ainda não chegou...”

E – É... an... Exatamente... A mesma coisa é a exclamação. Isso ajuda... Ajuda a boa leitura, que infelizmente está desaparecendo da escola. O aluno, hoje, não lê para o professor, nem o professor lê para o aluno, de modo que o professor não dá ao aluno, a pauta da entoação, da ortoepia e da prosódia da palavra. E o resultado é que vai desaparecendo... por outro lado as Universidades estão muito interessadas na língua falada. Mas acontece... Mas acontece que a língua se perpetua na sua escrita e não na sua fala e o resultado é que cada vez mais está se criando um fosso entre a língua escrita e a língua falada...

J - Voltando assunto dos acentos, por exemplo, eu sugeri que tirasse todos os acentos, porque como você mesmo falou, a própria palavra já vem dizer o que é...

E – É o contexto que ela aparece...

J - Por exemplo, quando tinha acento circunflexo, né... Para diferenciar m[ε]do de m[e]do. Não é?

E - Certo. Os m[ε]dos.

J – Todo mundo sabe... Ninguém vai pensar que “estou com medo dos medos”... Ninguém vai achar que estou com medo dos m[ε]dos.

E – Dos m[ε]dos... exatamente.

J - Então foi abolido o acento...

E – O diferencial...

J – Em raríssimas exceções...

E – E agora com essa nova reforma, praticamente desaparecem todos os acentos diferenciais, ficando somente pra “pôde”, porque você não pode distinguir “pôde” de “pode”. Antigamente podia distinguir, porque havia a grafia errada para pretérito, “P-O-U-D-E”, mas é

uma grafia errada, então o resultado foi ter de colocar um acento circunflexo, porque nem o entorno da frase ajuda. “Ele pode fazer isso... Ele pôde fazer isso...”

J – “Posso” e “poço” já não precisa. Já se escreve diferente. Inclusive não sei se você sabe da dificuldade de todo espanhol ou de língua espanhola para falar português corretamente é essa diferença, entre o “ô” e o “ó”. Tanto que eu peço sempre o Alex dar um exemplo aqui. Não é, Alex? Falar “cair no poço, não posso”. Como é que é?

Alex – Cair no p[ɔ]ço não posso.

((Risos))

J - Tá vendo? Ele nunca pode ou ele sempre pode. Ou é uma coisa ou outra.

E - Agora curiosamente você falou do espanhol. Um brasileiro entende espanhol falando, mas um espanhol dificilmente entende um de fala portuguesa falando, porque em espanhol só há cinco vogais. Em português do Brasil há sete. E em Portugal há oito.

J – Há oito?

E – Há oito.

J – Quais são as oito?

E – Porque ele distingue... o português distingue um “a” fechado de um “a” aberto. E isso é um traço distintivo. Então nós distinguimos e [sedi] e [sɛdi]. Nós temos uma letra só, mas temos dois sons, dois fonemas. Daí você distingue [sedi] e [sɛdi]. E no [o] também, [podɪ] e [pɔdi].

J – E em Portugal?

E – Em Portugal eles têm além dos sete, [ɑ, e, ε, i, o, ɔ, u], eles têm o [a], em oposição ao [ɑ]. Por isso é que, em Portugal, a crase é um problema fonético, no Brasil é um problema sintático. Isto é, quando o português quando ouve [ɑ], esse significa que é um “a” que pode ser um artigo, pode ser preposição, pode ser pronome, mas é um “a” não combinado com outro “a”. Agora quando eles fazem a combinação de dois “as”, eles abrem e dizem “a”. Então eles dizem por exemplo, “[a] cidade”, e dizem, “Vou [a] cidade”. Agora, no Brasil, como todos os “as” são abertos, o que ocorre é que você precisa conhecer a sintaxe, isto é, verificar se a palavra antes

pede a preposição “a” e se a palavra seguinte pede artigo. Não adianta somente que ela seja feminina, porque por exemplo, você diz, “Vou a Copacabana”. Não precisa de acento, porque Copacabana não precisa de artigo, você diz “moro em Copacabana”, “vivo em Copacabana”, “passeio por Copacabana”. Agora se for “Gávea”, aí você vai ter que colocar o acento, aí você diz “moro na Gávea”, “passeei pela Gávea”. Então quando você diz vou a Copacabana, não há o acento, porque não há a fusão da preposição com o artigo. E quando você diz “vou à Gávea”, aí há a fusão. Então no Brasil a crase é difícil ao brasileiro, porque a crase é um problema sintático.

J – Mas a crase cai na Reforma?

E – Não. Não...

J – Ninguém mexe com a crase.

E – Não, porque a crase não é um problema de ortografia, é um problema de sintaxe. É a fusão de duas vogais, de dois “as”.

J – O... O... por exemplo... Os estrangeiros também têm dificuldade por causa do acento. Eu me lembro que tinha um alemão que falou uma vez, “muito difícil la língua porque tudo igual... pálido [mostra o rosto], pálido (mostra os dentes em referência ao palito) e pálido [mostra o paletó]”... A mesma palavra.⁶

((Risos))

E – É isso mesmo.

J - Uma língua que parece fácil mas é complicada.

E - Mas é complicada.

J – Eu conversei aqui com o imortal Evanildo Bechara... Muito obrigado por sua presença. [...]

2.2.1 Apresentação dos dados

A entrevista de Bechara inicia-se com uma apresentação da carreira e da atuação do entrevistado no campo dos estudos sobre a língua. Jô Soares afirma que conversará com um dos gramáticos e filólogos mais respeitados do país. O entrevistador diz ainda que Bechara, além de

⁶ Nesse trecho, Jô Soares, por meio de um estereótipo do que seria o sotaque, imita o alemão ao qual se refere.

ter o título de Imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL)⁷, desempenha a função de tesoureiro dessa instituição. Após a introdução elogiosa do gramático, por parte de Jô Soares, a entrevista versa sobre algumas curiosidades da fundação e a manutenção da ABL, de sua origem até a atualidade.

Jô Soares propõe que Bechara fale um pouco da “Reforma ortográfica”, visto que, segundo ele, há nessa reforma coisas que lhes são estranhas. Mais especificamente, o entrevistador focaliza, em um primeiro momento, a abolição do trema como sinal ortográfico. Para Jô Soares, “as pessoas nem levam muito a sério o trema” (JÔ SOARES, 2008, s. p.)

São feitos, ainda, pelo entrevistador, alguns questionamentos sobre o modo de pronúncia de palavras que tinham o trema: “Quer dizer, aqueles que são... que seguem ao pé da letra vão passar a dizer fre[K]ente?” ou ainda “Pin[G]in ao invés de pin[GU]in?” (JÔ SOARES, 2008, não paginado).

Com base nessas perguntas, o gramático responde que a língua é, antes de qualquer aspecto, uma tradição; deste modo, as pessoas não falariam do modo suposto por Jô Soares. Bechara (2008) esclarece ainda que o acento de determinada palavra não garante sua pronúncia “correta”.

O entrevistado cita alguns exemplos de palavras que não são pronunciadas de acordo com as regras ortográficas, o que leva Jô Soares a afirmar que nunca ouvira as palavras do modo como foram pronunciadas por Evanildo Bechara. O entrevistador questiona que lugares o gramático tem frequentado para ouvir “esses absurdos” (JÔ Soares, 2008, s.p.)

O gramático afirma, sem recorrer a nomenclaturas como “Gramática Normativa”, “Prescrições gramaticais” ou “Norma culta”, que formas como “flu[Í]do” ou “gratu[Í]to” são recorrentes entre os falantes de língua portuguesa. Deste modo, Jô Soares, parecendo compreender que o acento ortográfico não é garantia de uma pronúncia em acordo com o que propõe as regras ortográficas, questiona se o ideal não seria “abolir todos os acentos”.

Bechara responde com uma negativa, complementando que se trata de uma tradição na escrita, visto que o primeiro ortógrafo científico fora Gonçalves Viana, que como foneticista, tentava fazer, valendo-se dos acentos, com que a palavra fosse uma reprodução fiel de sua pronúncia.

⁷ Na época da entrevista, no ano de 2008, Evanildo Bechara estava recebendo homenagens em virtude de seus oitenta anos, fato que é mencionado por Jô Soares.

A entrevista, quase que de forma integral, gira em torno de exemplos de variação da pronúncia de determinadas palavras. São feitas comparações com outras línguas, bem como explicitada, pelo entrevistador, a dificuldade que alguns estrangeiros apresentam para falar o português corretamente.

Cabe ressaltar que o entrevistador, em determinado momento da entrevista, parece confundir sinais de pontuação (o sinal de interrogação ou exclamação), com sinais de acentuação. O trecho, no qual essa confusão se faz presente, é o seguinte:

Sabe uma coisa que eu acho estranha, falando em espanhol, é aquela coisa de **acentuar** já no início, quando há uma **interrogação**. Por que tem medo que a pessoa não saiba que aquilo é uma interrogação no final? (JÔ SOARES, 2008, s.p., grifos nossos)

Os questionamentos aliados ao vocabulário empregado pelo entrevistador, bem como a leitura que ele faz das respostas dadas pelo gramático, são importantes para que se rastreie o posicionamento discursivo de Jô Soares com relação à língua portuguesa. Além disso, buscaremos também rastrear o posicionamento de Evanildo Bechara, em relação a essa temática.

2.2.2 Rastreando os posicionamentos

Da entrevista de Bechara, realizada no *Programa do Jô*, parecem emergir dois posicionamentos discursivos, em suposta aliança. Apesar da interincompreensão discursiva, que demonstraremos, a seguir, as concepções que entrevistado e entrevistador apresentam sobre fatos linguísticos, marcam que o posicionamento de Jô Soares e o posicionamento de Bechara não estão em confronto um com o outro

No trecho da entrevista em que Jô Soares afirma que falará sobre a Reforma Ortográfica, ele comenta que há nessa reforma aspectos que são estranhos para ele. O termo “estranho” parece ser indício de que: ou Jô Soares discorda das mudanças legitimadas pela Reforma, considerando-as incorretas, ou ele não compreende o motivo pelo qual essas alterações ocorreram.

Nos trechos, “Quer dizer, aqueles que são... que seguem ao pé da letra vão passar a dizer fre[K]ente?” e “Pin[G]in ao invés de pin[GU]in?” (JÔ SOARES, 2008, s.p.), as perguntas feitas pelo entrevistador parecem corroborar para a leitura de que ele acredita que o fim do uso do

trema, uma das alterações propostas pela Reforma Ortográfica, poderia gerar uma pronúncia diferente daquela que é habitual nas palavras que antes tinham o trema. De certo modo, essa crença do entrevistador parece apontar para a conclusão de que ele crê que o trema é um sinalizador necessário e que retirá-lo das palavras seria algo errado, portanto digno de sua discordância.

Aos questionamentos de Jô Soares, expostos acima, Evanildo Bechara responde:

Evanildo Bechara – Não.

[...]

Evanildo Bechara – É... é... Não chega a tanto. Sabe por que? Porque a língua é antes de tudo uma tradição. A língua é antes de tudo uma tradição. No Ceará só se diz fre[K]ência. E o acento que o ortógrafo imagina que dá a possibilidade de a palavra ser proferida corretamente... o acento não garante. Por exemplo ‘recém’ tem acento agudo na sílaba tônica, e você só ouve por aí ‘r[É]cem’. (JÔ SOARES, 2008, s.p.)

O vocábulo “tradição”, empregado pelo gramático no trecho, poderia ser indício de certo conservadorismo por parte de Bechara com relação à língua portuguesa. Contudo, neste caso em específico, ele parece utilizar a palavra “tradição” no intuito de expressar que as mudanças às quais a língua se encontra sujeita são reguladas e não geram um caos linguístico, visto que os falantes já possuem formas linguísticas internalizadas e continuarão a utilizá-las, independentemente de uma reforma ortográfica. Não obstante, nessa mesma resposta, é possível, por meio da expressão “palavra ser proferida corretamente”, ver emergir indícios de um posicionamento discursivo que considera haver uma forma linguística dita correta. Ou seja, mesmo considerando a história da língua, o gramático não abandona o critério normativista em relação a fatos linguísticos.

Bechara, a fim de exemplificar a existência de formas linguísticas que não correspondem àquilo que é proposto pelas regras ortográficas, cita pronúncias como “r[É]cem nascido”, “gratu[Í]to”, “flu[Í]do”. No decorrer dessas exemplificações, Jô Soares, não compreendendo o que é exposto por Bechara, a saber, que o acento da palavra não garante a pronúncia dita correta, faz as seguintes colocações:

Jô Soares (J) – Eu nunca ouvi isso. Você vai me desculpar...

[...]

J – Onde é que você tem andado que eu não ouço esses absurdos?

J – Eu nunca ouvi. Eu quero saber onde é... que ambientes você anda frequentando. (JÔ SOARES, 2008, s.p.)

O emprego, por Jô Soares, do vocábulo “absurdos”, aliado ao anterior pedido de desculpas e ao questionamento “que ambientes você anda frequentando” para ouvir as formas linguísticas exemplificadas, parecem indicar um posicionamento de extremo conservadorismo no que se refere à língua, de modo que, para Jô Soares, aquilo que não corresponde às formas esperadas por um padrão, que ele acredita ser correto, é incorreto e digno de depreciação.

Esse posicionamento conservador e homogeneizador da língua, ao qual Jô Soares parece alinhar-se, pode ser reiterado em trechos como: “**Ninguém** diz biscoit[O]... é biscoit[U]” e “**Todo mundo** sabe... Ninguém vai pensar que ‘estou com medo dos medos’... **Ninguém** vai achar que estou com medo dos m[É]dos.” (JÔ SOARES, 2008, s.p.) Nesses trechos, a utilização dos pronomes indefinidos “nenhum” e “todo”, expressam uma generalização, ou uma totalidade, em função da qual o entrevistador acredita não haver variação.

Por sua vez, o entrevistado, parecendo se pautar mais na cientificidade e na observação dos fatos, no que se refere a língua portuguesa, afirma que as formas por ele utilizadas como exemplo, são escutadas na rua, na televisão, no “ambiente dos que falam português”. Essas colocações são indícios de que, mesmo não considerando as formas linguísticas exemplificadas como corretas, do posicionamento em que Bechara se inscreve, evidencia-se que a variação ocorre e que a língua não é homogênea.

No trecho a seguir, outras marcas do posicionamento de Jô Soares podem ser observadas:

Evanildo Bechara – E agora com essa nova reforma, praticamente desaparecem todos os acentos diferenciais, ficando somente pra “pôde”, porque você não pode distinguir “pôde” de “pode”. Antigamente podia distinguir, porque havia a grafia errada para pretérito, “P-O-U-D-E”, mas é uma grafia errada, então o resultado foi ter de colocar um acento circunflexo, porque nem o entorno da frase ajuda. “Ele pode fazer isso... Ele pôde fazer isso...”

Jô Soares – “Posso” e “poço” já não precisa. Já se escreve diferente. Inclusive não sei se você sabe da dificuldade de todo espanhol ou de língua espanhola para falar português corretamente é essa diferença, entre o “ô” e o “ó”. Tanto que eu peço sempre o Alex dar um exemplo aqui. Não é, Alex? Falar “cair no poço, não posso”. Como é que é?

Alex – Cair no p[Ó]ço não posso. (JÔ SOARES, 2008, s.p.)

Ao ser esclarecido, por Bechara, sobre a abolição de determinados acentos diferenciais, Jô Soares afirma que uma dificuldade que falantes espanhóis enfrentam, para falarem português

corretamente, é justamente os modos diferentes de pronúncia de uma mesma letra. Novamente, ao recorrer ao uso do termo “corretamente”, Jô Soares faz emergir traços de um posicionamento que dicotomiza os fatos linguísticos em certo e errado e que elege um padrão a ser usado por aqueles que fazem “bom uso da língua”, de modo que aquilo que varia desse padrão é tido como erro.

Sobre a consideração do vocabulário empregado nos trechos analisados, como um nível possível na constituição e demarcação de um posicionamento, Maingueneau (2008, p. 80) afirma: “De fato, o mais frequente é que haja explorações semânticas contraditórias, das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos”. Deste modo, o vocábulo em si não constitui uma unidade de análise pertinente, contudo, as unidades lexicais tendem a adquirir o “estatuto de signos de pertencimento” (MAINGUENEAU, 2008a, p.81) a certo posicionamento, de modo que, entre vários termos equivalentes *a priori*, os enunciadores utilizarão aqueles que melhor marquem seu posicionamento no campo discursivo.

Mais à frente na entrevista, Evanildo Bechara, ao afirmar que “a língua se perpetua na sua escrita e não na sua fala, e o resultado é que cada vez mais está se criando um fosso entre a língua escrita e a língua falada”, o gramático deixa emergir marcas de um posicionamento preconceituoso e que se afasta dos postulados da Linguística, visto que parece conferir soberania à modalidade escrita da língua, desconsiderando, por exemplo, línguas ágrafas que se perpetuaram ao longo da história. Entretanto, apesar de, nesse trecho, o gramático se mostrar, em certa medida, preconceituoso, ele se alinha a um posicionamento discursivo mais científico e observador dos fatos linguísticos, que admite a existência de variação dentro de uma mesma língua, mesmo que, para ele, essa variação seja caracterizada como “erro”.

2.2.3 As ocorrências de interincompreensão

Devido ao fato de estarem em posicionamentos distintos, mesmo não havendo confronto aberto, ocorre, na entrevista de Bechara a Jô Soares, o fenômeno da interincompreensão discursiva.

No trecho:

Jô Soares (J) – Sabe uma coisa que eu acho estranha, falando em espanhol, é aquela coisa de acentuar já no início, quando há uma interrogação. Por que tem medo que a pessoa não saiba que aquilo é uma interrogação no final?

Evanildo Bechara (E) – Não é que acontece o seguinte...

J – Que horas são? Se não botar antes... ?!

E – É... Não... o que acontece é o seguinte, em: “que horas são?”, você já tem uma palavra interrogativa...

J – An?..

E – Que é o “que”. Se você disser: “O homem chegou?”, se você não colocar o acento previamente, você só vai dar a entoação interrogativa quando vir no final da frase o ponto de interrogação.

J – Sim, claro... Mas...

E – Então isso...

J – Em espanhol o cara já precisa se preparar...

E – Se preparar...

J - “Será que o homem vai chegar ou não? Deixa eu ver... Ah! Ainda não chegou...” (JÔ SOARES, 2008, s.p.)

o entrevistador demonstra certa confusão entre “sinais de pontuação de uma frase” com “questões de acentuação”. Bechara, de forma polida, sem explicitar a confusão feita por Jô Soares, faz suas considerações de modo a explicar as diferenças entre português e espanhol no que tange os sinais de pontuação. Assim, é exposto que, em português, em casos nos quais não haja uma palavra interrogativa ao início da frase, pode-se não ocorrer a entoação característica de pergunta. Sendo assim, o que para Jô Soares é tido como algo estranho, na verdade, segundo Bechara se trata de um sinalizador que visa dar a entoação de interrogação desde o início da frase.

Contudo, após os esclarecimentos feitos pelo gramático, Jô Soares em tom de “brincadeira” ou sarcasmo, afirma que na língua espanhola, em se tratando de frases interrogativas, o falante precisa “se preparar” para a pergunta que será realizada, ou pode não compreender que se trata de um questionamento. Esse tom de sarcasmo demonstra, em certa medida, que o entrevistador não compreendeu o que o gramático explicou sobre o sinal de pontuação em língua espanhola.

Bechara ressalta ainda que uma diferença existente entre a língua portuguesa do Brasil (PB) e a língua portuguesa de Portugal (PE) é o fato de que existem sete fonemas vocálicos no PB, enquanto no PE existem oito. Essa diferença, segundo o gramático, influencia o modo distinto como falantes de cada uma dessas variedades do português lidam com a problemática da crase. Assim, o emprego da crase para falantes do PB se trata, segundo Bechara, de uma questão sintática, visto que, não possuindo clara diferenciação na pronúncia de enunciados com “a”

craseado, o indivíduo, para fazer o emprego do acento grave, deverá saber se há ou não combinação de “a” preposição com o “a” artigo, não havendo o facilitador de uma pronúncia que já indique essa combinação.

Após essa explanação, em mais uma ocorrência de interincompreensão, Jô Soares faz as seguintes colocações: “Mas a crase cai na Reforma?” e “Ninguém mexe com a crase.” (JÔ SOARES, 2008, s.p.). O entrevistador não consegue, do posicionamento que se encontra, compreender que crase não se trata de um aspecto simplesmente ortográfico, mas que, diferentemente, envolve questões sintáticas em seu emprego ou não.

Assim sendo, Jô Soares considera que uma Reforma ortográfica abrange aspectos sintáticos e morfológicos de uma língua, de modo que, mesmo sendo esclarecido que a ortografia comporta regras referentes à padronização da representação gráfica das palavras na modalidade escrita, o entrevistador parece não compreender as explicações de Bechara sobre questões ortográficas.

2.3 Entrevista de Ataliba T. de Castilho ao *Programa do Jô*

A entrevista do linguista Ataliba T. de Castilho, realizada no *Programa do Jô*, ocorreu no dia 18 de julho de 2011.

2.3.1 Transcrição integral da entrevista de Ataliba Castilho ao *Programa do Jô*

Jô Soares (J) – Ele é professor, linguista e autor de uma nova gramática do português brasileiro. Ataliba Castilho, venha pra cá.

((Música))

J – Eu só não entendi o seguinte... é Gramática do Português Brasileiro. Não houve aí uma unificação do português pra que exatamente um sirva pra todos?

Ataliba Castilho (A) – Não. A unificação que houve foi da ortografia. Só a forma escrita. Mas uma legislação não consegue rearticular duas modalidades do português que estão se afastando progressivamente.

J – Não. Já estão bem afastadas.

A – Bem afastadas. Bem afastadas. Então, desde meados do século passado começou esse afastamento. Então...

J – Sabe uma coisa que eu achei muito curiosa? Que quando eu escrevi o meu primeiro livro *O Xangô*, eu usava a palavra cavanhaque e, em Portugal, ninguém mais sabia o queria dizer cavanhaque.

A – ((acenando afirmativamente com a cabeça))

J – Porque aqui a gente usava um português de certa forma seiscentista, porque parou ali, cresceu por outro lado, e eles cresceram por outro. Então... Mas o que que é? É barbicha. Barbicha é cavanhaque. Só os caras mais descolados que conheciam bem a língua que se lembravam. Eu tenho a impressão que isso acontece muito também na gramática?

A – Há sim. Isso acontece muito na gramática e eu procuro caracterizar isso nesse meu livro. Você veja, o sistema de pronomes do português europeu é distinto do nosso agora.

J – Vai dando exemplo.

A – Por exemplo, nós ainda temos o “tu”, mas é mais nas regiões periféricas do país. O “você” tomou conta do “tu”. O “vós” desapareceu, talvez na missa, mas não se usa mais o “vós”. Nós usamos em lugar de “nós” pode ser “nós” ou “a gente”, no lugar de “vós” o “você” ou o “senhor”, se há mais formalidade. Esses pronomes estão desaparecendo. Se eles desaparecem muda a morfologia do verbo. Fica mais simples. Imagina, eu digo assim: “eu falo”, “você fala”, “a gente fala”, “eles falam”, três formas só. Não é mais aquela morfologia complicada do nosso tempo.

J – Mas tem uma coisa que eu acho curiosa, você falou no “tu”. Mas o “tu” que se usa no Brasil também é... é... é corrompido, vamos dizer. Porque é “tu vai”... não é... bem como no Rio Grande do Sul... “Não tu disse isso.” Até têm alguns ministros gaúchos que foram ministros de educação que falavam com essa modalidade, vamos falar. Não se pode chamar de erro já que tem toda uma região que fala.

A – Se as pessoas estão falando, entendendo... Não é? A questão do erro é bem mais complicada, do que imaginar que alguém diz “tu diz” e não “tu dizes”, então... isso já foi um erro... Não é? O erro é quando uma pessoa fala e a outra não entende. Aí foi erro.

J – O outro responde em árabe.

A – Sabe que eu achava que isso fosse café. ((referindo-se a caneca que é servida aos convidados))

J – Mas você quer café? É o que o convidado quiser. Você quer um whisky?

A – Não... não... E você vai me dar uma caneca dessa?

J – Só não tem miojo. Claro... Claro...

[...]

J – Professor, tem uma coisa que eu costumo dizer e aplicar aqui no meu programa, desde que começou há 22 anos... Eu instituí que eu ia chamar todo mundo de “você”. Tanto o sapateiro como o Presidente da República... E no começo, o Otto Lara ligou pra mim, porque eu entrevistei o professor Bulhões, com 90 anos, 90 e tantos anos, e eu chamava ele de professor e tal, mas de “você”. E aí, ele me ligou e falou “não pode falar assim, um senhor de 90 e tantos anos...” Mas sabe qual é o problema? É que no Brasil, o “senhor” não é... caracteriza só uma diferença de classe... muito mais uma diferença de classe social, quer dizer você chama o médico de “senhor” e o ascensorista de “você”. Quando que na França o ministro é chamado de “vous” e o ascensorista também é “vous”. Então eu resolvi fazer isso e tal, ele ((referindo-se à Otto Lara)) disse: “não se eu concordo”. Passou um mês, um mês e meio e eu entrevistei o Luís Carlos Prestes e fiz a mesma coisa, e isso criou uma soltura, uma intimidade que de repente, no meio da entrevista, ele falou assim: “a Olga foi o grande amor da minha vida...”, coisa que ele nunca disse antes em entrevista... quebrou uma formalidade. Aí o Otto me ligou e falou: “cê tinha razão.” ((risos)) Porque eu acho que o “você”... não é só pelo lado do informal, é pelo lado de não fazer uma divisão social que acaba... Imagina num programa, três pessoas que eu entrevisto, uma é o presidente da república, a outro é um sapateiro, aí eu chamo uma de senhor e outra de você... Acabou, né?

A – E o que é engraçado nisso é que “você” teve uma origem muito formal, altamente formal... era o tratamento... era o tratamento “vossa mercê”, era dado ao rei. Aí a burguesia em Portugal subiu, ficou importante e tal, e quis também ser tratada de vossa mercê. Com isso o rei ficou bravo, daí que surgiu o tratamento “Vossa Majestade”. O “vossa mercê” virou “você”, “vassuncê”, “vosmecê”, “você”, até que em Minas já é só “cê” ((risos da plateia)). Agora calcule: “vossa mercê”, quatro sílabas, “cê”, uma. Não é um grande progresso?

((Risos do Jô, da plateia e do convidado))

A – Cê vai, cê fica, ... cê sabe... cê sabe, né?

J – Eu achei curioso também ((coça a barba)) que em Portugal ainda usam o “você” e você pensa que como se fosse mais intimidade, mas ao contrário, é menos intimidade.

A – Porque ele ainda guarda marcas em Portugal, esse sentido mais cerimonioso, dada a essa sua origem, que o “você” tinha, então ainda fica.

J – O que eu queria perguntar, professor, aí já referindo à nova ortografia, por que que o “ex”, antes da palavra iniciada com “h”, continua com hífen e as outras não. Então por exemplo, ex... ex... ex-herbário tem hífen. O ex-honrado senador, que não é mais, tem hífen. Agora, sem ser não tem... por que que com “h” conservou o hífen? Cê sabe?

A – Sabe, essa questão dos prefixos é uma questão muito difícil de regulamentar, porque eles são dinâmicos. Alguns que já grudaram, vamos dizer assim, com a palavra que vem depois, então esses são escritos juntos. Outros ainda são... têm muita independência, ainda são formas reconhecidas como prefixo, aí você coloca o hífen...

J – Mas só na frente de palavras com “h”, sem ser “h” sumiu, não precisa mais...

A – Pois é, foi até bom que sumiu que já simplifica um pouco mais. Mas de todo modo, as pessoas têm criticado muito a reforma, por causa da dificuldade nas regras do hífen. Agora eu digo o seguinte, qualquer um que fosse fazer aquela regra ia sofrer bastante, porque essa questão da mudança das expressões, uma que já estão mais gramaticalizadas como dizemos tecnicamente, outras menos, então menos automatizadas, então é muito difícil você representar na língua escrita uma situação de mudança. De modo que é ter paciência, é abrir o vocabulário escrito e olhar lá.

J – Mas não seria mais simples dizer: oh, tem hífen em todas?

A – E acabou?

J – Pronto. Porque aí não fica, não tem... E tem uma frase que você falou que me chamou atenção e eu acho ótima, que tá até no telão, olha aí: “Remédio para libido.” Como é que se tira o acento da palavra “para”? Ou se põe? Isso foi o Wilton Max que trabalha conosco aqui e que escreve um português impecável disse assim: “você não sabe se é um remédio para parar a libido, se é um remédio para a libido, ou se é um remédio para a libido. Não se sabe se é a favor ou contra.” Nesse caso, não faz falta o acento no “para” de verbo parar?

A – Não, porque nesse caso, como em todas as outras sentenças, ou essa expressão, nunca vem solta daquele jeito como está no telão.

J – Não. Sim, eu sei.

A – Isso vem dentro de um contexto.

J – Mas no jornal pode vir um anúncio.

A – Mas vem...

J – “Remédio para libido.”

A – Mas aí vai depender da pessoa que tem ou não tem a libido. Você não acha?

J – É... Mas é isso que me assusta.

((Risos geral))

J – Imagina o velhinho que quer tomar o remédio para ter mais libido, ele olha [imitando o velhinho] “para a libido... oh... não quero.”

((Risos))

J – Enfim, nossa...

A – Enfim, esse acento deu confusão. Não?

J – É...

A – A falta do acento.

J – O trema eu até concordo, porque realmente não tem muito sentido. Só que pinguin vai ficar pin[g]in ao invés de pin[gu]in?

A – Não, não fica. Não fica.

((Risos da plateia))

J – Já grudou, não tem jeito.

A – Você vê... Você fala um pouco de italiano? Você fala.

J – Falo.

A – Você veja, o italiano fez uma reforma ortográfica há muito tempo. O que eles resolveram? Não há acento nenhum. Pronto acabou. Agora você veja, é uma palavra com muitas... é... é uma língua com muitas palavras proparoxítonas... Escuta eu não sei se é *dovr[É]bero* ou se é *dovrebb[É]ro* para o verbo... Ué! Você escuta falar e você aprende. Não é porque você não fala a língua que eu vou ter que encher o italiano de acento para facilitar sua vida. Aprenda a língua. Quando você ouvir que é *dovr[É]bero*, você sabe que é proparoxítona. E não põe acento nenhum.

J – Eu acho ótimo isso.

A – Então. Simplifica a vida.

J – Não tem... Tira fora...

A – Talvez você tenha razão no caso do hífen, mas tem algumas colocações que eu não vou me lembrar de exemplos agora, que é em algumas questões... em alguns momentos... que isso poderá causar a mesma dificuldade do “para”⁸.

J – Provavelmente.

((Risos de Ataliba Castilho))

A – Mesmo não havendo libido.

J – Quando não é libido, também não vale mais a pena... O inglês que eu acho uma língua... Aliás o Bernard Shaw deixou uma parte de sua fortuna para melhorar um pouco a escrita da língua, porque você fala de um jeito e escreve de uma maneira...

A – De outro...

J – Inteiramente diferente. “*Cough*”. “*Cough*”⁹ é com “gh” no final. ((Sons guturais de raspar a garganta, satirizando o som do “gh” em inglês))

A – Porque era assim, como você está falando. Eles estão guardando a grafia do inglês medieval.

J – Exatamente.

A – Então, escrevia assim, não querem mudar. A mesma coisa o francês, não querem mudar. E aqui que muda bastante, as pessoas reclamam. Né? Então em inglês, você deu exemplo, é preciso você aprender letra por letra da palavra. Porque não há uma regularidade da grafia. Além do *cough* tem o *enough*¹⁰. [...]

J – Tem até um exemplo, que eu não vou me lembrar, da palavra *fish*. Escrita de um jeito inteiramente diferente. Porque é o “f” do *coffe*, o “i” do... enfim... enfim... seria uma das coisas que teria pronúncia diferente. E fica uma coisa estranhíssima. Agora eu, em português, na Reforma, eu acho que ficou mais fácil escrever. Eu acho...

A – Ficou mesmo. Ficou mesmo. Simplificou.

J – Se fosse abolido todos os acentos...

A – Talvez... aí seria o Paraíso.

J – Pra alguns, abolir a crase seria uma bênção.

⁸ Exemplo citado anteriormente na entrevista.

⁹ Pronúncia [Kəf]

¹⁰ Pronúncia [iˈnəʃ]

A – Talvez fosse mesmo. Ô, Jô... Você perguntou tantas coisas pra Beth sobre a peça dela... Você não pergunta nada do meu livro.

Plateia – Aun...

J – A gente tá falando só do seu livro.

Risos de todos.

J – Mas eu vou perguntar...

A – Tá bom... Tá bom...

J – Você sabe que isso parte de um conhecimento... de uma intimidade que eu tenho com a Beth há muito tempo.

A – Não... Claro... Claro... Parabéns, viu... Beth.

J – Eu espero que essa intimidade surja aqui, porque eu estou terminando de escrever um livro, e vou aborrecer você bastante, para saber o que que tá certo e o que num tá...

((Jô Soares folheia a gramática escrita por Ataliba))

A – Estou as suas ordens... Agora, não precisa isso tudo aí não. Porque gramática é como dicionário, a gente não precisa ler tudo. Lembra daquela história do sujeito que ficou preso trinta anos, quando ele saiu, disseram: “- Mas coitado, você ficou preso, não tinha nenhum livro pra ler? - Não... Tinha sim um livro. – E você gostou desse livro? – Não... mudava muito o assunto. – Que livro era esse? – Era o dicionário.”

((Risos))

A – Toda hora mudava o assunto. Quer dizer, não é pra ser lido. É pra ser consultado. Há uma dúvida, consulta-se.

J – Ainda bem que não deixaram a lista telefônica com ele... Que tem muito personagem, mas não tem enredo.

A – Não há enredo. Seria bem pior.

J – Agora, como se consulta o seu livro. Já que estamos falando aqui do próprio. An... Como você consulta?

A – Se você tem uma dúvida pontualizada, há um índice de matéria no final. Você vai lá, olha aquele problema que está explicado ali, aí você vai remeter a página. Normalmente é assim.

J – Você está bonito nessa foto.

A – Eu fiquei bonito. Né? Isso eu era mais novinho, viu Jô.

J – Não parece.

A – Não parece?

J – Você continua novinho.

((Risos))

A – Poxa, que susto! Eu mandei uma foto mais nova. É sempre assim que a gente faz, não é?

J – É?

A – Eu acho que é. Não é?

((Risos))

J – Eu não sei, mas estou aprendendo.

A – Quando nós viemos aqui, o pessoal da maquiagem andou passando umas coisas na cara da gente.

J – Nossa, mas ficou tão natural.

A – Ficou natural?

J – Nossa!

A – Depois eu quero que você me dê... Você prometeu...

J – Eu vou lhe dar...

A – Dar uma coisa pra Beth. Eu quero a gravação desse programa. Só.

J – Mas com o maior prazer.

A – Ah bom! Pensei que ele fosse dizer, “mas que cara de pau!”

J – Não... A cara de pau está disfarçada pela maquiagem.

A – Pela maquiagem... Então foi por isso...

((Risos))

J – Professor, então como é que se pesquisa aqui?

A – Você tem o termo técnico, não sabe o que é? É onde você abriu. É o glossário de termos técnicos... Se você tem...

J – Por exemplo...

A – Um problema e quer saber como funciona a língua, você procura na continuação... aí... que tem o índice de matérias...

J – Agora tem uma coisa, que as pessoas neurastênicas, como eu, às vezes, ficam meio obsessivas com isso aqui. ((lendo da Gramática de Ataliba)) “Comparatistas, veja linguística histórica. Isso não é preguiça de escrever duas vezes?”

A – Não... é porque se você... se você... A Linguística Histórica é complexa. São mais de cem anos... E renovou, e renasceu agora, aqui no Brasil, desde os anos oitenta. Então como teve vários movimentos científicos se você dispersar aqueles movimentos, como comparatistas, neogramáticos, estruturalistas, pelo índice, você não vai dar a visão do conjunto e o “carinha” se sente roubado.

J – Futuro...

A – Não é?

J – Perfeito. Então é só... Ah... Meta-língua... Maravilha!

A – Não é meta a língua... É meta-língua...

((Risos))

J – Aí já estamos entrando no perigoso terreno da pornografia...

A – Pornografia não tem essa entrada... Pornografia...

J – Olha só.. “Endófora” veja vorici... foricidade. Essa eu vou ver, pois não tenho a mínima ideia do que se trata.

A – Você usa o tempo todo palavras fóricas... palavras que retomam alguma coisa que você falou. Tão simples... “O Jô Soares tem um programa. Ele faz esse programa há mais de vinte anos.” O “ele” retoma “Jô Soares”. Prático, né?

J – E isso se chama foricidade?

A – Foricidade... Retoma. Ou então você antecipa uma coisa que vai dizer na frente também...

J – Você veja, eu nunca li o seu livro e já sabia disso.

A – E você já sabia.

((Risos da plateia))

A – E mesmo sem ler o livro você usa o português com toda adequação. Não é por estar aqui na sua presença.

J – Não... Obrigado, fico feliz. É bom que a gente conheça as ferramentas que a gente usa. Né?

A – Claro. A razão desse livro está justamente nisso que você acabou de falar. Nós falamos. Aprendemos a falar em casa, quando somos crianças. Aprendemos a língua falada. Depois na escola aprendemos a língua escrita, aí somos apresentados à língua do Estado, o padrão culto. Bom... da língua... da língua portuguesa. Quando você aprende a falar a sua mente

trabalha de um modo incrível, pra conseguir dominar essa realidade humana tão complicada como é a língua. Porque é extremamente complicado. A gente fala o tempo todo, escreve o tempo todo, até aí tudo bem. Mas vai pensar um pouco: como é que solto uns sons aqui, esse aparelhinho aqui¹¹ grava, vai aí para o ar, as pessoas escutam esses sons e entendem o que estava pensando. Mesma coisa você. Isso não é um milagre? Porque o som são os barulhos, os ruídos. Como é que nós ligamos a esses ruídos tantas ideias?

J – Agora, professor, por exemplo: tem línguas que são mais... An... apropriadas pra Filosofia, como o grego antigo e o alemão, pelo fato de, de repente, juntarem tudo numa palavra só. Né?

A – Não. Não é por isso.

J – Não facilita a questão. ((Usa uma palavra do alemão que quer dizer: A coisa que se explica por si mesma)). Para falar isso em português é uma quantidade de palavras enorme. Em alemão é uma só.

A – É porque há muitos filósofos que escreveram em alemão... muitos filósofos que escreveram em grego. Mas nossos colegas que têm descrito as línguas dos índios aqui no Brasil, mostram que eles têm, por exemplo, sobre numeração, quantidade, altamente sofisticadas, mas como eles não escrevem, a gente não vai dizer que aquela língua é boa para filosofia. Seria, se eles escrevessem.

J – Essas são chamadas línguas bárbaras... alemão... inglês e tal...

A – Pois é. Aí tem também... o bárbaro tem um sentido que se perdeu. “Bárbaro” queria dizer o que balbucia, que sabe mal falar a língua. Era isso. Depois tomou esse sentido de não... não civilizado. Mas não é esse o sentido não.

J – Não... não... Sentido da época dos romanos que...

A – Os que não falavam latim... É um bárbaro. Está balbuciando, não fala a minha língua. Então como esses eram os germanos, e entre outros, então diziam que os germanos eram bárbaros, no sentido de gente brutal, sem civilização. Bom, as palavras mudam de sentido. Né? Mas uma coisa que eu fiz foi justamente levar as pessoas pensarem sobre o uso que elas estão fazendo o tempo todo. Cada vez que eu escrevo ou que eu falo, a minha mente trabalhou muito e o nosso trabalho de linguistas é explicar, ou tentar explicar, do que se sabe, porque não se sabe tudo... Tentar explicar o que aconteceu na sua mente, na sua inteligência, quando você produziu

¹¹ O entrevistado se refere ao microfone.

determinada expressão. É isso que é o interesse maior da Linguística. É você explicar como a mente funcionou. Por exemplo, eu estava conversando com uma das suas auxiliares... Você veja, como que é a nossa língua, ou outra língua qualquer... Uma pessoa bate na minha porta, fala: “dá licença”, e eu digo: “pois não”, e a pessoa entra. Mas eu falei “não”. Ou então vem um aluno no fim do curso, um aluno que não estudou direito, e fala: “e aí professor, eu passei de ano?”, e eu falo: “pois sim”, mas era “não”.

((Risos))

A – Isso que é preciso ser explicado. O que eu explico aí.

J – “Pois não...”

A – Quer dizer “sim”.

J – E “pois sim”...

A – Quer dizer “não”.

J – Quer dizer “não”. Em Portugal também?

A – Também... Também... a mesma coisa.

J – É?

A – Isso aí não é diferente.

J – É igualzinho.

A – O que é diferente nas duas modalidades é as inferências que são feitas. Quer dizer, quando nós falamos, nós não estamos colocando só no ar, alguns sentidos que não foram elaborados na nossa mente. Porque nós temos uma linguagem interna, conosco mesmos, antes de pôr a linguagem no ar, nos meios físicos, e falando ou então escrevendo. Então, você veja, o modo como a gente, ao falar, revela, que fez várias comparações e analisou a situação e inferiu algumas coisas daquela situação e aí pôs aquela expressão no ar, aconteceu um enorme trabalho mental prévio. O trabalho da Linguística é mostrar que trabalho é esse.

J – Bom, professor, uma aula, além de um papo maravilhoso. Eu conversei com o professor Ataliba T. de Castilho, que está lançando a *Nova Gramática do Português Brasileiro*, pela Editora Contexto. Professor, muito obrigado. De verdade.

2.3.2 Apresentação dos dados

Jô Soares inicia a entrevista afirmando que conversará com um “professor, linguista e autor de uma nova gramática do português brasileiro” (JÔ SOARES, 2011). Após essa introdução, o entrevistador questiona a motivação do linguista em escrever uma gramática para o português brasileiro, visto que parece não fazer sentido, para Jô Soares, essa especificação “brasileiro”, já que para ele, o português passou por uma reforma, a fim de que não houvesse mais diferenças entre Português de Portugal e Português do Brasil.

Nesse momento, Ataliba Castilho esclarece que a reforma ocorrida foi na ortografia, ou seja, apenas na modalidade escrita da língua. O linguista acrescenta ainda que uma legislação, como a ocorrida, não consegue rearticular duas variantes do português que estão se afastando progressivamente. Jô Soares, por sua vez, afirma que escrevendo livros e viajando para Portugal percebeu diversas vezes que ocorre esse distanciamento ao qual o linguista se refere. Jô Soares questiona se esse distanciamento, por ele percebido no vocabulário, também ocorre na gramática, e Ataliba responde:

Ataliba Castilho: Há sim. Isso acontece muito na gramática e eu procuro caracterizar isso nesse meu livro. Você veja, o sistema de pronomes do português europeu é distinto do nosso agora.

Jô Soares: Vai dando exemplo.

Ataliba Castilho: Por exemplo, nós ainda temos o “tu”, mas é mais nas regiões periféricas do país. O “você” tomou conta do “tu”. O “vós” desapareceu, talvez na missa, mas não se usa mais o “vós”. Nós usamos em lugar de “nós” pode ser “nós” ou “a gente”, no lugar de “vós” o “você” ou o “senhor”, se há mais formalidade. Esses pronomes estão desaparecendo. Se eles desaparecem muda a morfologia do verbo. Fica mais simples. Imagina, eu digo “eu falo”, “você fala”, “a gente fala”, “eles falam”, três formas só. Não é mais aquela morfologia complicada do nosso tempo.

Jô Soares: Mas tem uma coisa que eu acho curiosa, você falou no “tu”. Mas o “tu” que se usa no Brasil é... é... é corrompido, vamos dizer. Porque é “tu vai”... não é... bem no Rio Grande do Sul... “Não tu disse isso.” Até têm alguns ministros gaúchos que foram ministros de educação que falavam com essa modalidade, vamos falar. Não se pode chamar de erro já que tem toda uma região que fala.

Ataliba Castilho: Se as pessoas estão falando, entendendo... Não é? A questão do erro é bem mais complicada, do que imaginar que alguém diz “tu diz” e não “tu dizes”, então... isso já foi um erro... Não é? O erro é quando uma pessoa fala e a outra não entende. Aí foi erro.

Jô Soares: O outro responde em árabe. [...] (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

Após um momento de breve descontração, Jô Soares afirma que desde que iniciou seu programa, ele procura tratar todos os convidados indistintamente com o mesmo pronome de

tratamento, a saber, o “você”. Isso porque, segundo a crença do entrevistador, o pronome “senhor” institui muito mais uma diferença de classe social do que de idade, por exemplo.

Ataliba Castilho, nesse momento, faz uma observação histórica com relação ao pronome “você”, explicando que se trata de um pronome originado do pronome de tratamento “vossa mercê”, que era utilizado inicialmente no tratamento com os reis. Ataliba Castilho acrescenta, ainda, que, com a ascensão da burguesia ao poder, em Portugal, esta também quis ser tratada por “vossa mercê”. Tal episódio, segundo o linguista, cria a forma de tratamento “Vossa Majestade”, destinada apenas aos reis.

Após essa explanação, Jô Soares direciona a entrevista para a questão da reforma ortográfica, focalizando o uso do hífen e do acento diferencial. Ataliba Castilho procura explicar que a Reforma Ortográfica, qualquer que fossem suas alterações, mais ou menos radicais, causaria desconforto nos usuários da língua portuguesa. Deste modo, segundo o linguista, a melhor solução é a consulta no guia ortográfico quando surgir dúvida.

A entrevista passa a tratar de algumas particularidades ortográficas de outras línguas como italiano e o inglês, mas, em determinado momento, Ataliba faz a seguinte consideração: “Oh Jô, você perguntou tantas coisas para a Beth (entrevistada anterior), sobre a peça dela... Você não pergunta nada do meu livro.” (ATALIBA CASTILHO, 2011). Jô Soares, rindo e demonstrando incompreensão do questionamento do linguista, afirma: “A gente *tá* falando só do seu livro. Mas eu vou perguntar”.

A partir desse momento até o final, a abordagem da entrevista passa a ser a *Nova gramática do Português Brasileiro*. São apontados por Ataliba Castilho modos de consulta da obra e seu modo de organização. Jô Soares, por sua vez, foca seus questionamentos em termos técnicos que ele aleatoriamente vê no livro.

2.3.3 Rastreando os posicionamentos

Podemos afirmar que, da entrevista de Ataliba de Castilho a Jô Soares, parecem emergir dois posicionamentos discursivos com relação à língua portuguesa. Retomando, em certa medida, alguns aspectos discutidos anos antes com o gramático Evanildo Bechara, mas sem fazer remissão ao gramático, Jô Soares novamente se coloca em aliança a discursos conservadores e tradicionais da língua. Em contrapartida, Ataliba, sem se colocar em confronto com o

posicionamento de Jô Soares, parece alinhar-se a discursos que concebem a língua como heterogênea e aberta a mudanças temporais e espaciais. Pretendemos sustentar essa hipótese, analisando vocábulos e expressões empregadas pelo entrevistador e pelo entrevistado, visto que, como postula Maingueneau (2008a) os temas, o vocabulário e a intertextualidade são alguns dos níveis que compõem um posicionamento discursivo.

No trecho a seguir, Jô Soares, após a explicação de alteração de estrutura pronominal no português do Brasil, afirma que o “tu” usado no Brasil é “corrompido”.

Ataliba Castilho (A) – Por exemplo, nós ainda temos o “tu”, mas é mais nas regiões periféricas do país. O “você” tomou conta do “tu”. O “vós” desapareceu, talvez na missa, mas não se usa mais o “vós”. Nós usamos em lugar de “nós” pode ser “nós” ou “a gente”, no lugar de “vós” o “você” ou o “senhor”, se há mais formalidade. Esses pronomes estão desaparecendo. Se eles desaparecem muda a morfologia do verbo. Fica mais simples. Imagina, eu digo assim: “eu falo”, “você fala”, “a gente fala”, “eles falam”, três formas só. Não é mais aquela morfologia complicada do nosso tempo.

Jô Soares (J) – Mas tem uma coisa que eu acho curiosa, você falou no “tu”. Mas o “tu” que se usa no Brasil também é... é... é corrompido, vamos dizer. Porque é “tu vai”... não é... bem como no Rio Grande do Sul... “Não tu disse isso.” Até têm alguns ministros gaúchos que foram ministros de educação que falavam com essa modalidade, vamos falar. Não se pode chamar de erro, já que tem toda uma região que fala. (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

O termo “corrompido”, segundo o dicionário Houaiss (2009), possui como sinônimos os termos “deturpado” e “degenerado”. Assim, por seu valor semântico, emerge o efeito de sentido de que, diferentemente do que ocorre em outros países que falam a língua portuguesa, o pronome pessoal “tu”, no Brasil, não é usado “corretamente”, e isso, segundo os exemplos dados pelo entrevistador, ocorre devido a uma concordância verbal diferente da que é proposta em gramáticas normativas.

Mesmo Jô Soares afirmando que “Não se pode chamar de erro, já que tem toda uma região que fala”, em virtude do que é afirmado anteriormente pelo entrevistador, é possível afirmar que ele considera o uso do “tu” errado no português brasileiro.

Por sua vez, Ataliba Castilho, opondo-se a um posicionamento normativo-gramatical e se aproximando mais de postulados da Linguística, procura relativizar a noção de erro na língua. Castilho faz a seguinte consideração: “A questão do erro é bem mais complicada, [...] O erro é quando uma pessoa fala e a outra não entende.” (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

Ataliba Castilho, dando prosseguimento à explicação do uso de pronomes pessoais e de tratamento em língua portuguesa, faz a seguinte afirmação:

Ataliba Castilho - E o que é engraçado nisso é que “você” teve uma origem muito formal, altamente formal... era o tratamento... era o tratamento “vossa mercê”, era dado ao rei. Aí a burguesia em Portugal subiu, ficou importante e tal, e quis também ser tratada de vossa mercê. Com isso o rei ficou bravo, daí que surgiu o tratamento “Vossa Majestade”. O “vossa mercê” virou “você”, “vassuncê”, “vosmecê”, “você”, até que em Minas já é só “cê” ((risos da plateia)). Agora calcule: “vossa mercê”, quatro sílabas, “cê”, uma. Não é um grande progresso? (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

As considerações sobre os diferentes usos do pronome “você”, ao longo da história, bem como a exemplificação das modificações morfológicas pelas quais esse pronome passou, aliado ao fato de que atualmente em regiões do Brasil usa-se a palavra “cê” no lugar de “você”, conforme afirma Castilho, parecem apontar para um posicionamento que considera que a língua é heterogênea e sofre variações temporais e espaciais.

É possível também perceber traços de um posicionamento menos normativo-gramatical, na seguinte consideração de Ataliba Castilho:

Ataliba Castilho - Claro. A razão desse livro está justamente nisso que você acabou de falar. Nós falamos. Aprendemos a falar em casa, quando somos crianças. Aprendemos a língua falada. Depois na escola aprendemos a língua escrita, aí somos apresentados à língua do Estado, o padrão culto. Bom... da língua... da língua portuguesa. Quando você aprende a falar a sua mente trabalha de um modo incrível, pra conseguir dominar essa realidade humana tão complicada como é a língua. (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

Ao se referir à língua que falamos em casa, à modalidade escrita, ao padrão culto do português, o linguista e gramático parece estabelecer que a língua é uma realidade humana complexa, visto que, dependendo da instância na qual ela esteja sendo usada, haverá variações linguísticas.

Em contrapartida, Jô Soares parece não considerar essas variações, visto que, para ele, os fenômenos linguísticos estão subordinados a uma dicotomização de “certo” e “errado”. Os trechos a seguir podem corroborar nossa afirmação:

Jô Soares (J) – Isso foi o Wilton Max que trabalha conosco aqui e que escreve um português impecável.

[...]

J – [...] porque eu estou terminando de escrever um livro, e vou aborrecer você bastante, para saber o que que tá certo e o que num tá... (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p., grifos nossos)

O uso dos vocábulos “certo” e “impecável” parecem ser marcas de um posicionamento conservador de língua, que tende a reforçar e atualizar um discurso de que há “um bom uso da língua portuguesa”.

Sobre esse “discurso do bom uso da língua portuguesa”, Mendes (2013), através de um estudo temporal, do século XVI ao século XXI, sustenta a hipótese de que há a onipresença desse discurso, de forma inconsciente, que dirige a fala de seus locutores em vários campos discursivos, entre eles, o político, o literário, o midiático e o escolar, e em diferentes gêneros do discurso. Segundo Mendes (2013), esse “discurso sobre a língua portuguesa” a reduz a um de seus usos, o “bom uso”, que não é necessariamente equivalente à “norma”, mas que equivaleria a um “uso correto”.

Ataliba Castilho, em função do posicionamento em que se inscreve, insiste ao longo da entrevista, em não reduzir a língua a padrões que a dicotomizam em “certo” ou “errado”, como é possível perceber a partir do trecho a seguir:

Ataliba Castilho (A) - E mesmo sem ler o livro você usa o português com toda adequação. Não é por estar aqui na sua presença.

[...]

A - Quer dizer, quando nós falamos, nós não estamos colocando só no ar, alguns sentidos que não foram elaborados na nossa mente. Porque nós temos uma linguagem interna, conosco mesmos, antes de pôr a linguagem no ar, nos meios físicos, e falando ou então escrevendo. Então, você veja, o modo como a gente, ao falar, revela, que fez várias comparações e analisou a situação e inferiu algumas coisas daquela situação e aí pôs aquela expressão no ar, aconteceu um enorme trabalho mental prévio. O trabalho da Linguística é mostrar que trabalho é esse. (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

Com traços de um posicionamento mais heterogêneo sobre língua, Ataliba Castilho utiliza-se de vocábulos como “adequação”, “situação”, “modalidades”, o que, em certa medida, põe em cena uma concepção de língua como um sistema complexo e que vai além de prescrições normativas gramaticais.

2.3.4 As ocorrências de interincompreensão

O processo de interincompreensão, constitutivo do espaço discursivo da polêmica entre posicionamentos distintos frente à problemática da língua portuguesa, pode ser percebido em vários trechos, dentre eles o apresentado a seguir:

Jô Soares – Eu só não entendi o seguinte... é Gramática do Português Brasileiro. Não houve aí uma unificação do português pra que exatamente um sirva pra todos? (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

O entrevistador do posicionamento do qual enuncia, não percebe a realidade complexa da língua e, por isso, supõe que a unificação das regras ortográficas pela qual a língua portuguesa passou é capaz de acabar com as variações gramaticais existentes entre português do Brasil e português de Portugal. Em certa medida, podemos afirmar que ortografia de uma língua e regras gramaticais gerais são tomadas como sinônimas por Jô Soares. O trecho a seguir corrobora nossa hipótese.

Ataliba Castilho – Ô, Jô... Você perguntou tantas coisas pra Beth sobre a peça dela... Você não pergunta nada do meu livro.
Plateia – Aun...
Jô Soares – A gente tá falando só do seu livro. (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

Jô Soares, ao afirmar que até aquele momento o assunto da entrevista era o livro de Ataliba Castilho, a *Gramática do Português Brasileiro*, demonstra não compreender do que se trata uma gramática, segundo a concepção de Ataliba Castilho, visto que Jô Soares reduz gramática às discussões realizadas na entrevista até então, em torno de aspectos ortográficos da língua portuguesa.

Em função desse processo de interincompreensão, ocorre a construção de simulacros, dentre eles, o que se pode depreender do trecho a seguir:

A – Se as pessoas estão falando, entendendo... Não é? A questão do erro é bem mais complicada, do que imaginar que alguém diz “tu diz” e não “tu dizes”, então... isso já foi um erro... Não é? O erro é quando uma pessoa fala e a outra não entende. Aí foi erro.
J – O outro responde em árabe. (PROGRAMA DO JÔ, 2011, s.p.)

Nesse trecho, Jô Soares é esclarecido sobre a necessidade da relativização do erro. A afirmação do entrevistador de que erro é quando você fala em português e o outro responde em árabe, parece demonstrar que, da posição discursiva em que Jô Soares se inscreve, ele não consegue compreender o que propõe Ataliba Castilho quanto a essa relativização do erro.

Outro momento da entrevista em que se pode perceber o fenômeno de interincompreensão discursiva é quando Jô Soares afirma esperar que surja uma intimidade maior entre ele e Ataliba Castilho, pois o entrevistador está terminando de escrever um livro e irá “aborrecer” o linguista e gramático para saber os erros presentes neste livro. Esse tipo de afirmação é possível porque, para Jô Soares, todas as gramáticas são normativas e, portanto, tanto o trabalho do linguista, quanto do gramático consiste em apontar aquilo que está “certo” ou “errado” nos fenômenos linguísticos. Estando Jô Soares alinhado a um discurso mais conservador e tradicional de língua, ele não consegue compreender o que afirma Ataliba de Castilho, a não ser em função de uma grade semântica delimitada que constitui o seu posicionamento, uma vez que conforme esclarece Maingueneau (2008a), um discurso se distancia de seu Outro para se constituir, sendo, pois, constituído e delimitado por uma grade semântica que funda um desentendimento recíproco.

2.4 Contextualização da prática jornalística do *Bom dia, Brasil* e do *Jornal Hoje*

Pretendemos nas linhas a seguir contextualizar o modo como, atualmente, a Rede Globo de Televisão se propõe a dialogar com os estudos linguísticos, ao tematizar em seus jornais, assuntos como a variedade linguística do português brasileiro e sua modalidade falada. Para isso, pautaremos-nos no texto *A linguística e a mídia*, decorrente de uma mesa-redonda no Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos (GEL), do ano de 2015, que se propõe a discutir, com base em um caso de sucesso de diálogo entre jornalismo e linguística, o modo de aplicação de teorias linguísticas no trabalho de produção textual realizado com equipes de telejornalismo da emissora.

A discussão em questão foi conduzida por: (i) Valéria Paz, doutora em Letras pela USP, ex-consultora da TV Globo; (ii) Maria Teresa Garcia, jornalista da TV Globo; e por (iii) Ataliba T. de Castilho, professor emérito da USP e professor colaborador da Unicamp.

A doutora Valéria Paz afirma que, mesmo muitas pessoas no departamento de jornalismo fazendo “cara feia”, não entendendo e não buscando compreender o que ela buscava passar sobre os conhecimentos linguísticos, a partir de 2009, “a direção da TV enviou uma orientação para os telejornais serem mais conversados, mais coloquiais” (PAZ, 2015, p. 2). Essa orientação fez com que houvesse uma significativa alteração tanto no modo como Paz era consultada, quanto na maneira como os profissionais passaram a exercer a prática jornalística.

A Teresa Garcia, que participou deste debate, era a editora-chefe do *Jornal Hoje* e veio falar comigo sobre a novidade, afinal eram tantos anos fazendo TV do mesmo jeito, que estavam todos meio perdidos. Perguntou como poderiam mudar e eu respondi: “Enquanto vocês escreverem um texto pra ler, e não pra falar, o jornal nunca vai ser conversado”. Daí pra frente a gente começou um trabalho pra tentar levar uma linguagem mais coloquial para os jornais, mas tinha muitas barreiras, paradigmas e mitos pra derrubar. Aos poucos, pude começar a falar de coisas como gramática da língua falada, diferenças entre fala e escrita, gêneros textuais, processos de retextualização, português brasileiro, evolução da norma culta, enfim, fui ampliando a divulgação dos estudos linguísticos como podia. (PAZ, 2015, p.3)

De acordo com Paz (2015), foram quatro anos de consultoria com os profissionais do *Jornal Hoje* e dos jornais locais de São Paulo; nessas consultorias eram tematizadas pesquisas e pesquisadores que os jornalistas conheciam, proporcionando a alteração de conceitos na prática jornalística. A intenção das consultorias era propor maneiras de simplificar a linguagem jornalística e deixar os textos mais coloquiais. O êxito do trabalho foi tamanho que outras emissoras afiliadas participavam dos encontros nacionais do *Jornal Hoje*, o que difundiu um novo modo de lidar com a língua portuguesa nos textos jornalísticos.

Nesta mesa-redonda, Garcia (2015) falou sobre a experiência com a série de reportagens sobre os sotaques do povo brasileiro – *Sotaques do Brasil* (2015) – exibida no *Jornal Hoje*. Segundo ela, o jornalismo investiu em um projeto que mostrava e explicava as características do português falado no Brasil, com a ajuda de muitos pesquisadores da área.

Para Garcia (2015) a grande repercussão da série fez com a repórter Ana Zimmermann, responsável pelas matérias dos quatro episódios da série, escrevesse, posteriormente, sobre as consequências dessas reportagens. Uma dessas consequências foi desencadear o processo de reanálise dos textos do *Jornal Hoje*, durante o qual os profissionais:

[...] passaram a observar as marcas linguísticas e discursivas da oralidade e da escrita e começaram a modificar a narrativa das reportagens, tentando aproximar sua estrutura da estrutura da fala. Essa experiência está em pleno curso e tem provocado impacto positivo na linguagem de repórteres, editores e apresentadores do telejornal, que antes resistiam ao que não se enquadrasse num certo padrão de conhecimento da língua. (GARCIA, 2015, p. 4)

Essa nova postura jornalística pretendida pela Rede Globo de Televisão com relação aos estudos linguísticos poderia, entretanto, ter tido efeitos mais efetivos na prática jornalística em geral, mas, como será possível perceber por meio das análises a seguir, isso não ocorreu. A polêmica discursiva travada em torno das variedades da língua portuguesa ainda carrega marcas de uma concepção de língua homogênea e – por que não dizer – conservadora por parte de jornalistas/repórteres da Globo.

2.4.1 Transcrição integral do trecho do jornal *Bom dia, Brasil*¹²

Âncora 1 do jornal: Na semana passada, foram distribuídos para quase meio milhão de alunos um livro de Português que defende, digamos assim, um novo conceito sobre o uso da língua. Não teria mais certo ou errado, e sim, o adequado ou o inadequado, dependendo da situação. Alexandre Garcia, o Ministério da Educação esclareceu que a norma culta da língua portuguesa vai ser sempre exigida nas provas e nas avaliações. Que isso fique bem claro.

Alexandre Garcia: Renata, quando eu tava no primeiro ano do Grupo Escolar e a gente falava errado, a professora nos corrigia, pois ela estava nos preparando para vencer na vida. É notório que o conhecimento liberta, que forma eleitores e contribuintes conscientes, gente que cresce e faz o país crescer. É notório que o conhecimento vem pela educação, em casa, na escola, na vida. E também é óbvio que a raiz de tudo tá na capacidade de se comunicar. A linguagem escrita, que transmite e difunde o conhecimento e o pensamento, diferencia o animal homem dos outros animais. A educação liberta e torna a vida melhor, pois nos livra da ignorância que é essa condenação a uma vida difícil. Quem for nivelado por baixo, terá a vida nivelada por baixo. Pois, ironicamente, esse livro se chama *Por uma vida melhor*. Se fosse apenas uma polêmica linguística, tudo bem, mas faz parte do currículo de meio milhão de alunos e é abonado pelo Ministério da Educação. Na moda do politicamente correto, defende o endosso ao falar errado,

¹² O trecho que propomos analisar foi transmitido no jornal *Bom dia, Brasil*, do dia 17 de maio de 2011.

para evitar um preconceito linguístico. Olha, ainda hoje vimos aqui o chefão do FMI algemado. Aqui no Brasil ele não seria algemado por não oferecer risco a sua custódia. No Brasil, algemas constroem o detido. Aqui no Brasil, alunos analfabetos passam automaticamente de ano para não serem constroangidos. Aboliu-se o mérito, e agora, se aprova a frase errada para não constroanger. Olha, a Coréia saiu da terra arrasada por duas grandes guerras, em apenas duas ou três décadas de educação rígida. A China, que a poucos anos, estava atrás do Brasil sabe para onde quer ir, e está indo à razão de dez por cento ao ano do PIB, com educação rígida, tradicional e premiando o mérito. Por aqui, com a chancela para a ignorância que infelicita, estamos apontando para o sentido contrário. (BOM DIA, BRASIL. 2011)

Âncora 2 do jornal: Alexandre, nós temos aqui no estúdio... a gente vai conversar também com o professor Sérgio Nogueira, sobre esse livro que recomenda o... enfim, o equivocado, o inadequado ((risos baixos da âncora 1 e do convidado)) e não distingue o certo do errado. Isso seria, digamos, o início do fim da gramática?

Professor Sérgio Nogueira: Olha, primeiro eu quero parabenizar o Alexandre, que foi brilhante na sua fala, né. Eu fico até... me tirou as palavras. Safadinho do Alexandre, um abraço para ele. Mas a verdade é o seguinte: o fim da gramática vem sendo feito há um bom tempo, por essa nova linha do ensino, a chamada linguística moderna, em que o certo e errado é abandonado e as variantes linguísticas são valorizadas, até aí tudo bem... Eu não conheço a autora deste livro. Eu gostaria de crer que ela teve boas intenções, que seriam, digamos, incentivar os alunos a não serem preconceituosos, por sinal, função de qualquer professor... de português, matemática, história...

Âncora 1 do jornal: Pois é, professor... A gente gostaria de mostrar também pras pessoas que estão em casa, o que está nesse livro aprovado pelo MEC. Olha só: “Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado.” Tem também: “Na variedade popular, basta que a palavra ‘os’ esteja no plural”. Esta é a explicação que o livro dá para usar, assim digamos, essa forma não tão culta da gramática. Tem outro exemplo: “Mas eu posso falar ‘os livro’?” O livro diz: “Claro que pode.” E a explicação é a seguinte: “Dependendo da situação, a pessoa pode ser vítima de preconceito linguístico”. Isso é preconceito, professor?

Professor Sérgio Nogueira: Bom, ((leve riso)) da mesma forma que se ele for fazer uma entrevista, né? O Max Gehringer vive falando isso. Se for fazer uma entrevista de chinelo de dedo e camisa regata, ele vai ser discriminado da mesma forma. O que mais me irrita nessa

história toda é que se falamos tanto em preconceito, em discriminação, eu acho que discriminação maior é você... alguém acreditar que nossa criança é incapaz de aprender a fazer plural, concordar verbo com sujeito. Gente, o *Soletando*¹³ está provando isso aí. Questões ortográficas mais complexas, eles ((referindo-se à alunos que participavam do *Soletando*)) são capazes de aprender.

Âncora 1 do jornal: O programa do Luciano Huck, né?

Professor Sérgio Nogueira: O programa do Luciano Huck, do qual eu participo, é testemunha, ninguém me disse nada, eu participo, eu sinto isso.

Âncora 2 do jornal: E nós podemos imaginar também o contrário, a pessoa que estudou que faz as concordâncias certas, que usa as palavras gramaticalmente corretas, poderá ser discriminada no futuro?

Professor Sérgio Nogueira: É... Teremos uma inversão de valores?

Âncora 1 do jornal: É importante salientar isso, e até o próprio MEC ((riso)) fez questão de divulgar, de dizer, que no vestibular... nas provas de vestibular... a norma culta da língua será observada.

Professor Sérgio Nogueira: ((Riso de descrença)) Renata, isso é um contrassenso. Se a escola é transformadora, vocês pagariam escolas, veja, porque pública é cara também, não é só a escola pública que...

Âncora 1 do jornal: Todos pagamos...

Professor Sérgio Nogueira: Todos pagamos pelas escolas públicas... Você pagar uma escola, em que seu filho continuará falando aquela língua que ele não precisa, que ele pode aprender sozinho. Eu lembro da época do *internetês*, que me perguntaram: tem que usar o *internetês* na escola? É claro que não, *internetês* meu filho aprende sozinho em casa, de algum computador, não precisa de professor para isso.

Âncora 2 do jornal: Professor, a língua é um traço de união nacional e ela estaria ameaçada?

Professor Sérgio Nogueira: Nesse caso sim, porque é diferente você respeitar as variantes linguísticas regionais, sociais, e não conhecer uma língua geral, uma língua padrão. Por sinal, nosso trabalho constante aqui na Globo é conseguir essa linguagem, como é o caso aqui do

¹³ Trata-se de um concurso brasileiro de soletração que era realizado anualmente pelo programa *Caldeirão do Huck*, da Rede Globo, com alunos da Rede Pública de Ensino de todo o país.

Bom dia... que atinge Sul e Norte, Leste e Oeste. Hoje um gaúcho da fronteira se comunica com um sertanejo.

Âncora 1 do jornal: Professor Sérgio Nogueira, muito obrigado pela sua participação no *Bom dia...*

Professor Sérgio Nogueira: Posso dizer só mais uma coisinha?

Âncora 1 do jornal: Claro...

Professor Sérgio Nogueira: Olha, diante de toda essa polêmica, o MEC me desculpe... ((enumerando com os dedos)) É ENEM desorganizado, PROUNI falta de fiscalização, agora é o livro didático, já teve problema com o livro de história... Gente, pior é aquela reportagem sobre merenda. Essa me irrita profundamente, mais até como educador, do que como professor...

Âncora 1 do jornal: A reportagem que o Fantástico divulgou sobre as merendas nas escolas públicas...

Professor Sérgio Nogueira: Isso é a maior vergonha... E a diretora foi exonerada porque denunciou.

Âncora 1 do jornal: Olha, em Santa Catarina, professor, o anúncio diz em bom português: Vende-se... Sabe o que? Uma rua inteira... Já viu isso?

2.4.2 Apresentação dos dados

Nesse trecho do jornal, o jornalista Alexandre Garcia, comentarista do jornal, faz comentários acerca da aprovação do livro didático *Por uma vida melhor – Língua Portuguesa* da autora Heloisa Ramos que, de acordo com o jornalista, “não ensina a língua portuguesa corretamente”.

No ano de 2011, a aprovação pelo Ministério da Educação desse livro didático, adotado por 4.236 escolas públicas do País, foi objeto de discussão em diversos programas da mídia. A polêmica em questão ocorria com relação ao capítulo *Escrever é diferente de falar*. Neste capítulo são feitas, dentre outras, as seguintes afirmações com relação aos fenômenos de concordância verbal e nominal:

Você pode estar se perguntando: “Mas eu posso falar ‘os livro?’.” Claro que pode. Mas fique atento porque, dependendo da situação, você corre o risco de ser vítima de preconceito linguístico. Muita gente diz o que se deve e o que não

se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas. O falante, portanto, tem de ser capaz de usar a variante adequada da língua para cada ocasião. (RAMOS, 2010, p. 15)

2.4.3 Rastreamento dos posicionamentos

A partir deste trecho é possível afirmar que o posicionamento de Ramos (2010), em relação a língua portuguesa, busca relativizar as noções de certo e errado na língua, apresentando a possibilidade de se considerar, no ensino, a existência de outras normas linguísticas, além da norma padrão, uma vez que a língua é compreendida como uma gama de variantes: “Muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas” (RAMOS, 2010, p. 15). Assim, é proposto pelo livro, que o falante, tendo conhecimentos além do prescrito pelas gramáticas, seja capaz de usar adequadamente a língua, dependendo da situação em que se encontra.

Por sua vez, com base na análise integral do trecho do jornal *Bom dia, Brasil*, em que se fazem comentários acerca do livro, é possível afirmar que tanto da fala do âncora, a jornalista Renata Vasconcelos, quanto do comentarista Alexandre Garcia, emergem traços de um posicionamento mais conservador em relação à língua, que parece não considerar que a língua portuguesa seja heterogênea. O vocabulário mobilizado para se referir à obra de Heloísa Ramos permite sustentar essa hipótese:

Âncora do jornal: [...] Não teria mais certo ou errado, e sim, o adequado ou o inadequado, dependendo da situação. Alexandre Garcia. (BOM DIA, BRASIL. 2011)

Alexandre Garcia: [...] quando a gente *tava* no primeiro ano do grupo escolar e a gente falava **errado** a professora nos corrigia, porque ela estava nos preparando para vencer na vida. [...] Aprova-se a frase **errada** para não constranger o aluno. (BOM DIA, BRASIL. 2011)

A recorrência dos termos “certo” e “errado” parece indicar um posicionamento que dicotomiza os fatos linguísticos. Assim, aquilo que não se encontra em acordo com um padrão normativo gramatical deve ser visto como “erro”.

Outro aspecto que parece apontar para esse posicionamento mais conservador e autoritário com relação a língua, por parte do jornal, é o fato de que, para comentar sobre a aprovação do livro de Heloísa Ramos, são convidados um jornalista e um professor de língua portuguesa, contudo, em nenhum momento, um linguista ou a autora do livro é convidada a expor suas concepções e, de algum modo, contrapor-se àquele posicionamento.

2.4.4 Interincompreensão e simulacros construídos

De tudo o que é exposto no capítulo *Escrever é diferente de falar*, é destacado pelo âncora do jornal que o livro “defende um novo conceito sobre o uso da língua, no qual não teria mais certo ou errado, e sim, adequado ou inadequado, dependendo da situação.” (BOM DIA, BRASIL, 2011). O âncora do jornal, ao dar voz para o comentarista, ainda afirma que “o Ministério da Educação esclareceu que a norma culta da língua portuguesa vai ser sempre exigida nas provas e avaliações.” (BOM DIA, BRASIL, 2011). Parece que o que o âncora chama de norma culta é equivalente às regras da gramática normativa.

A partir dessa fala do âncora, Alexandre Garcia faz a seguinte afirmação:

[...]quando a gente *tava* no primeiro ano do grupo escolar e a gente falava **errado** a professora nos corrigia, porque ela estava nos preparando para vencer na vida. [...] Aprova-se a frase **errada** para não constranger o aluno. (BOM DIA, BRASIL. 2011)

Do posicionamento de Garcia, que não aceita a possibilidade de se considerar a variação linguística no ensino de língua portuguesa, a proposta de Ramos (2010) implica não corrigir os alunos, quando estes não usam a norma gramatical da língua. Mais que isso, a correção, para ele, está atrelada à consideração de que há uma equivalência entre norma culta da língua e as prescrições normativas da gramática.

Do posicionamento em que se inscrevem – um posicionamento que não aceita a heterogeneidade linguística – nem a jornalista, nem o comentarista conseguem compreender a proposta do livro, pois conforme explica Maingueneau (2008a), um discurso não consegue traduzir o discurso do Outro tal como ele é, mas somente a partir das categorias do Mesmo. Assim sendo, o que é tido como “adequado” ou “inadequado”, para o discurso com o qual o livro

faz aliança, é lido como “certo” ou “errado” para o discurso com o qual jornalista e comentarista se alinham. Do processo de interincompreensão, portanto, decorre esse jogo de simulacros.

2.5 Análise da entrevista do *rapper* Emicida ao *Jornal Hoje*

A entrevista do *rapper* brasileiro Emicida foi concedida ao *Jornal Hoje* e transmitida no dia 18 de março de 2015 na Rede Globo de Televisão. Esta entrevista encontra-se atualmente disponível na plataforma (www.globo.com).¹⁴

2.5.1 Transcrição integral da entrevista de Emicida (*rapper*) ao *Jornal Hoje*

JORNALISTA (J) – Então, Emicida, o que que é “é nós”?

EMICIDA, *rapper* (E) – “É nós” é nós.

((Risos de ambos))

E – “É nós” é um neologismo nosso, popular, de rua, que serve pra dizer pras pessoas que “tamo junto”.

J – Não é “somos nós”?

E – Não... “somos nós” seria a norma culta trabalhando. Mas a norma culta não é a norma vigente na rua. Sabe? A maneira como a língua portuguesa [sinal de aspas com os dedos] “correta” da academia existe, muitas vezes se desencontra é... do jeito que ela funciona na rua.

J – Não é do jeito que as pessoas falam... é que... não é a língua que a gente aprende na escola.

E – Não... na verdade, eu acho que tem um... uma dualidade aí... uma coisa que é bem interessante de falar sobre... A língua escrita, acredito que ela existe para fazer justiça à língua falada. Sabe? Porque ela antecede. A comunicação oral é a primeira antes de todas. Sabe? Assim como a música tribal... o improviso antecede a partitura. Acho que esse mesmo parâmetro se adéqua à questão da palavra. E eu não acho que uma seja mais valiosa do que a outra. Talvez... Há quem ache na norma culta um caminho interessante para falar... para se comunicar, e há

¹⁴ O endereço eletrônico para acesso a entrevista é: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/videos/t/edicoes/v/emicida-fala-sobre-sua-relacao-com-a-lingua-portuguesa/4029315/>

quem encontre na linguagem coloquial sua maneira de se expressar. Eu acho que eu faço meio que uma costura, passeando pelas duas.

J – É porque se você levar em consideração a norma padrão, da gramática, para falar com o pessoal na rua, aí que vai tá errado. Não é?

E – Se... Não acho que vai estar errado. Não acho que as pessoas deixariam de entender. Muito pelo contrário, porque a gente tem essa proximidade com a norma culta. Seja... pela literatura, seja pelo... pelas bulas de remédio.

J – Anham.

E – Seja pelos documentos com os quais a gente é obrigado a lidar no dia-a-dia. Então, a norma culta está presente no nosso dia-a-dia de diversas maneiras. Mas a linguagem coloquial é mais rápida, é mais suingada.

J – Unhum.

E – Ela é mais poética, ela funciona... ela oferece alguns subterfúgios que a norma culta às vezes demora mais tempo para oferecer...

J – Ela é mais rápida?

E – Acredito que sim.

J – Porque ela vai mudando na rua antes de mudar no livro.

E – Sim, ela se molda de acordo com a necessidade das pessoas. Sabe? Do vosmicê, pro você, pro cê.

J – Unhum.

E – Sabe?

J – E aí, as pessoas produzem na rua a linguagem, como o “é nós”?

E – Porque o ser-humano é um ser em mutação.

((Aceno positivo com a cabeça, por parte da jornalista))

E – Ele tá em constante evolução e ele se move de acordo com as suas necessidades. A palavra é uma necessidade, porque as pessoas têm a necessidade de ligação, então a palavra é essa ponte. Você pode encurtar esse caminho através da diminuição de duas, de uma, de três sílabas. Sabe? A coisa se torna muito mais... acho que emocional até.

J – E aí você faz esse caminho, entre os que as pessoas tão falando, para colocar isso na música. É transformar num produto cultural.

E – Sim. Na verdade, o que eu faço é absorver a atmosfera cultural, na qual eu existo, e colocar aquilo em música de uma maneira que seja sincera.

J – Unhum.

E – De uma maneira que eu consiga conectar com as pessoas. Então, quando eu fico pulando entre o plural correto e o singular, é... é porque eu encontrei ali aquilo que eu... aquilo pode não ser de acordo com a gramática e de acordo com a língua portuguesa formal, aquilo pode não ser o melhor, a melhor junção de todas, mas musicalmente pra mim, aquilo é muito mais interessante do que usar a norma culta. Sabe? Então, cê vai encontrar o “é nós”... é um ótimo exemplo disso.

((Corte na entrevista pela edição))

J – Mas também se diminui... é... falando aqui... peguei uma outra frase como exemplo. Né? “Entra no carro se lembrando das amiga que morreu...”¹⁵. As pessoas falam assim... não “são as amigas que morreram”. Aí você não tá tirando um “s”.

E – Sim as pessoas... é mas nesse caso...

J – Você está colocando o verbo todo no singular. É assim...

E – Isso. Porque você traz aquilo para o pessoal. Você não faz aquilo como só uma carta do banco. Sabe? E acredito que a gente fala assim na rua.

J – Hum...

E – Acredito não. A gente fala dessa maneira na rua.

J – Se colocasse da forma “das amigas que morreram” soaria estranho justamente para o público que vai ouvir?

E – Não. Não... Não acho que soaria estranho para o público. Poeticamente para mim seria um resultado menos interessante. Sabe? “Entra no carro se lembrando das amigas que morreram...” Talvez esse “eu” aí tenha um valor fundamental para fechar uma rima. Sabe?...

J – Unhum.

E – É isso mesmo. “[...]Ri com os traveco no breu, com o fumo que a rua deu Entra no carro se lembrando das amigas que morreu [...]”¹⁶ Se eu coloco esse “morreram” aí, eu acabo com o meu trabalho.

J – Ou na questão de diminuir palavra... “Ela vaga todas as madrugada”²

¹⁵ Trecho da música *Rua Augusta*, composta por Criolo e Emicida.

¹⁶ Trechos da música *Rua Augusta*.

E – Isso. Isso...

J – Aí...

E – Isso é muito interessante.

J – O que que é isso?

E – Porque “madruga” é madrugada, mas você consegue tirar uma sílaba dali e continuar mantendo o sentido. É aquilo que eu te falei agora há pouco: se a gente consegue obter o mesmo entendimento com uma quantidade menor de sílabas, então... isso é muito mais interessante quando você faz *rap*. Porque você precisa adequar aquela frase ao tempo musical. E o tempo musical... talvez ele não espere o tempo da norma culta.

J – Hum...

E – Sabe? Então... obviamente tem poetas na música brasileira que conseguiram usar a norma culta de uma maneira fascinante. O Cartola é um deles... sabe? Quando você pega, por exemplo, *Corre e olha o céu... é... é lindo. A vida é um moinho*, sabe? Tipo, *O mundo é um moinho*. Todas essas canções elas são... poeticamente... elas são muito próximas da norma culta. Eu nem sei encontrar, aqui agora, um exemplo que o Cartola seja coloquial, como por exemplo, o Adoniran Barbosa. O Adoniran Barbosa é o contrário. Você vai encontrar “dregau”, “mêmo”, é...

J – “A frechada”...

E – “Frechada” é um ótimo exemplo, sabe?

J – É...

E – E “frechada” eu não sei, porque me parece muito mais complexo falar “frechada” do que “flechada”.

J – E você acha difícil o português?

E – Não.

J – Agora, assim, tipo... na escola assim...

E – Não... agora... A questão é: eu não acho agora, depois de ter vivido 29 anos e ter lido todas as coisas que eu li. Muito pelo contrário, mas na época que... da escola... eu demorei pra ver a beleza da nossa língua, porque acho que precisa... A escola, mais do que a Academia, precisa saber fazer essa ligação com urgência...

J – Mudar a gramática...

E – Sim... porque você conecta o mundo de fora com o mundo de dentro da escola. Quando a escola começa a funcionar como uma bolha, que tudo que acontece fora dela fica fora dela, então as pessoas... os alunos... na primeira e segunda infância, na adolescência, acho que eles passam a ver com um certo ceticismo o que é ensinado na escola.

J – A gente já perguntou isso para crianças, mas você acha que o seu público, jovem... adolescentes ou jovens mesmo, que estejam na escola, eles conseguem enxergar aquele português que se ensina lá como um português deles? Como uma língua dele? Ou ele aprende mais na rua?

E – Eu acho que ele aprende lá, mas guarda o daqui.

J – Hum...

E – Entende?

J – Como se fossem duas línguas?

E – Sim. Na verdade, não como se fossem duas línguas, no final das contas eles vão montando a terceira... e hoje tá pior do que quando eu comecei também, porque hoje, com a internet e com as redes sociais, com os smartphones tudo se adequa à necessidade de você escrever usando a menor quantidade de caracteres possíveis. Então aí, o “mesmo” que a gente só tinha tirado o “s”, vira só “msm” e acabou. Sabe? E aí a gente tem que começar a entender o que que é essa nova língua. Sabe? E tem que entender como essa nova língua vai se conectar com a norma coloquial da rua e com a da Academia que...

((Corte na entrevista))

Fim da entrevista.

2.5.2 Apresentação dos dados

Busco apresentar na análise a seguir, a partir da demarcação dos posicionamentos discursivos presentes nesta entrevista do *Jornal Hoje* com o *rapper* brasileiro Emicida, os processos de interincompreensão discursiva e a construção de simulacros, perceptíveis, tanto na fala da jornalista que entrevista, quanto na do entrevistado.

A temática em torno da qual a entrevista gira é a da concepção de língua, mais especificamente de língua portuguesa e suas variações. O tema ora aparece sob a forma do que a

jornalista parece chamar de língua coloquial nas construções e composições do *rapper*, ora na forma de como se concebe a problemática da língua, da gramática e da norma culta na sociedade e no ensino de Língua Portuguesa.

As perguntas da jornalista abordam: (i) expressões idiomáticas que aparecem em músicas de *Emicida*, (ii) o uso da língua portuguesa pela sociedade e, (iii) o que *Emicida* pensa sobre o modo como a língua é ensinada nas escolas. Alguns dos questionamentos feitos pela jornalista são: “Então, *Emicida*, o que que é ‘é nós’?”; “É porque se você levar em consideração a norma padrão, da gramática, para falar com o pessoal na rua, aí que vai tá errado. Não é?”; “Ela [a linguagem coloquial] é mais rápida?” (JORNAL HOJE, 2015).

Jornalista e entrevistado, cada um do seu posicionamento, fazem considerações sobre as mudanças que ocorrem na língua portuguesa, tanto no léxico, quanto em sua morfossintaxe. Parece haver, nos questionamentos e nas respostas presentes na entrevista, certa confusão na concepção do que é língua e na consideração do que são as normas linguísticas. Podemos demonstrar isso a partir dos seguintes trechos:

Emicida: Então, quando eu fico pulando entre o plural correto e o singular, é... é porque eu encontrei ali aquilo que eu... aquilo pode não ser de acordo com a gramática e de acordo com a língua portuguesa formal, aquilo pode não ser o melhor, a melhor junção de todas, mas musicalmente pra mim, aquilo é muito mais interessante do que usar a norma culta. Sabe? Então, cê vai encontrar o “é nós”... é um ótimo exemplo disso. (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

Jornalista: A gente já perguntou isso para crianças, mas você acha que o seu público, jovem... adolescentes ou jovens mesmo, que estejam na escola, eles conseguem enxergar aquele português que se ensina lá como um português deles? Como uma língua dele? Ou ele aprende mais na rua? [...] Como se fossem duas línguas? (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

A partir desses trechos, é possível supor que *Emicida* parece considerar que fazer uso da língua portuguesa formal é seguir as prescrições gramaticais. Mais que isso, ao utilizar o termo “norma culta”, o *rapper* parece estar equivalendo a língua portuguesa formal à norma culta. Os termos “língua portuguesa formal”, “gramática” e “norma culta” são tomados em oposição à linguagem coloquial que, para *Emicida*, é marcada pela alternância entre o “plural correto e o singular”.

A jornalista, por sua vez, parece considerar que, quando há variação trata-se de duas línguas. Ao distinguir o português ensinado na escola e a variante que o aluno traz consigo,

considera-as como se fossem “duas línguas”, acreditando os estudantes também possam compreender deste mesmo modo. Essa concepção de variantes linguísticas distintas, como não pertencendo a uma mesma língua, marca, em certa medida, o posicionamento da jornalista, o que será demonstrado mais à frente no item *Rastreando os posicionamentos*.

No decorrer da entrevista, Emicida se propõe esclarecer como ele se apropria das variedades linguísticas existentes e as transforma em música. Nesse percurso, ele procura apresentar os compositores que servem de inspiração para ele quanto ao uso da língua. Músicos como Cartola e Adoniran Barbosa são citados pelo *rapper*, de modo a exemplificar o uso distinto que cada um fazia da língua. Enquanto o primeiro, segundo Emicida, conseguia usar a norma culta de uma maneira “fascinante”, adequando-a ao tempo musical, Adoniran Barbosa, por motivos estéticos, se valia em suas músicas da linguagem coloquial.

Emicida: Eu nem sei encontrar, aqui agora, um exemplo que o Cartola seja coloquial, como por exemplo, o Adoniran Barbosa. O Adoniran Barbosa é o contrário. Você vai encontrar “dregau”, “mêmo”, é... (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

A entrevista, em seus trechos finais, aborda o modo como ocorre e como deveria ocorrer o ensino de língua portuguesa. Esse direcionamento da entrevista ocorre em virtude da seguinte pergunta feita pela jornalista: “E você acha difícil o português?”. Emicida responde que não, mas que, antes, em virtude de sua inexperiência com os usos da língua, ele não conseguia enxergar a beleza existente na língua portuguesa. O *rapper* faz, então, as seguintes colocações:

Emicida: Muito pelo contrário, mas na época que... da escola... eu demorei pra ver a beleza da nossa língua, porque acho que precisa... A escola, mais do que a Academia, precisa saber fazer essa ligação com urgência... [...] porque você conecta o mundo de fora com o mundo de dentro da escola. Quando a escola começa a funcionar como uma bolha, que tudo que acontece fora dela fica fora dela, então as pessoas... os alunos... na primeira e segunda infância, na adolescência, acho que eles passam a ver com um certo ceticismo o que é ensinado na escola. (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

Por fim, Emicida, reiterando sua opinião sobre o modo como as variedades linguísticas deveriam ser mais bem interligadas no ensino, afirma: “E aí a gente tem que começar a entender

o que que é essa nova língua. Sabe? E tem que entender como essa nova língua vai se conectar com a norma coloquial da rua e com a da Academia que...”¹⁷ (EMICIDA, 2015).

2.5.3 Rastreando os posicionamentos

Em virtude de a temática da entrevista recair sobre o que a jornalista parece chamar de língua coloquial nas composições do *rapper* Emicida, emerge das perguntas, das respostas e dos comentários, o modo como cada um concebe a problemática da língua, da gramática e da norma culta. Buscaremos apresentar a seguir: (i) em que medida a língua portuguesa e a norma culta são postas como equivalentes à norma gramatical, pela jornalista; e (ii) como Emicida parece conceber o que é a língua e o que são a norma culta e o que ele chama de língua/linguagem coloquial.

Em se tratando de posicionamento, é necessário esclarecer o modo como cada um, entrevistado e jornalista, concebem termos por eles utilizados. Para a jornalista, nas diversas ocorrências do termo, a expressão “norma culta” sempre é lida e tida por ela como: conjunto de regras gramaticais normativas que, se seguidas, marcam o “bom uso da língua”. A jornalista, ao longo da entrevista, faz determinada progressão que coloca de um lado, língua coloquial e, do outro, a norma culta. A norma culta, segundo a concepção da jornalista, é a que se aprende na escola, equivalendo, pois, à gramática normativa. Desse modo, a jornalista parece fazer a seguinte linha de equivalência: norma culta = regras gramaticais = bom uso da língua = língua ensinada na escola.

Por sua vez, nos trechos a seguir, é possível perceber que o entrevistado, assumindo um posicionamento diferente com relação à língua, mesmo respondendo no sentido de dicotomizar a questão em “certo” ou “errado”, ao retomar o termo “norma culta”, não o faz reverenciando a gramática normativa, mas aliando a norma culta a gêneros do discurso mais institucionalizados, como a bula de remédio ou os textos literários.

Emicida: Seja pelos documentos com os quais a gente é obrigado a lidar no dia-a-dia. Então a norma culta está presente no nosso dia-a-dia de diversas maneiras. [...]

¹⁷ Cabe ressaltar aqui, que a entrevista se encerra deste modo, sem a conclusão da fala do *rapper*, havendo um corte no vídeo.

Emicida: Se... Não acho que vai estar errado. Não acho que as pessoas deixariam de entender. Muito pelo contrário, porque a gente tem essa proximidade com a norma culta. Seja... pela literatura, seja pelo... pelas bulas de remédio. (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

O posicionamento do *rapper* é diferente do da jornalista no que se refere à concepção de língua e normas. O trecho a seguir sustenta nossa afirmação:

Emicida: A palavra é uma necessidade, porque as pessoas têm a necessidade de ligação, então a palavra é essa ponte.[...]

Emicida: Acho que esse mesmo parâmetro se adequa à questão da palavra. E eu não acho que uma seja mais valiosa do que a outra [língua oral ou escrita]. Talvez... Há quem ache na norma culta um caminho interessante para falar... para se comunicar, e há quem encontre na linguagem coloquial sua maneira de se expressar. Eu acho que eu faço meio que uma costura, passeando pelas duas. (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

Em determinados momentos, o *rapper* parece se aliar, involuntariamente, a uma concepção bakhtiniana de língua, visto que, para Emicida, a língua, na música, varia de acordo com o contexto de uso. A língua, segundo a concepção do *rapper*, ora obedecendo às funções emotivas, ora às funções poéticas, expressa sentimento, sendo a ponte entre o artista e o público.

Emicida: Então, quando eu fico pulando entre o plural correto e o singular, é... é porque eu encontrei ali aquilo que eu... aquilo pode não ser de acordo com a gramática e de acordo com a língua portuguesa formal, aquilo pode não ser o melhor, a melhor junção de todas, mas musicalmente pra mim, aquilo é muito mais interessante do que usar a norma culta. Sabe? Então, cê vai encontrar o “é nós”... é um ótimo exemplo disso. (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

Bakhtin (2003), em *Os gêneros do discurso*, afirma que as esferas da atividade humana, com toda sua variedade, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Assim, o modo de utilização da língua varia em acordo com as próprias esferas da atividade humana. Tal fato, segundo o autor, não contradiz a unidade nacional de uma língua.

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 279)

Retomando o trecho da fala do *rapper*, apresentado anteriormente, Emicida afirma que faz a alternância entre o plural “correto” e o singular em suas letras, tendo em vista a adequação musical, e sem levar em consideração, o que para ele, são prescrições da gramática. Ele ainda afirma que essas construções feitas por ele são mais interessantes musicalmente do que se ele utilizasse a norma culta. Ao fazer sequencialmente essas afirmações, Emicida faz emergir de sua fala traços de um posicionamento que confunde os termos língua portuguesa formal, norma gramatical e norma culta, colocando-os em equivalência.

Contudo, mesmo com essa flutuação terminológica, o *rapper*, apresenta uma concepção de língua mais heterogênea, que considera, inclusive, a adequação da língua aos gêneros de discurso e às condições de produção. Ele afirma: “Você não faz aquilo como só uma carta do banco. Sabe? E acredito que a gente fala assim na rua.” (EMICIDA, 2015). Mesmo sem saber, o *rapper* parece conceber língua de acordo com a adequação aos contratos comunicacionais típicos dos gêneros do discurso. Maingueneau (2015, p. 122) afirma que:

[...] todo locutor tem à disposição um repertório mais ou menos extenso de variedade linguísticas (quer se trate escolher entre diversas línguas ou dialetos, ou entre diversos registros no interior de uma mesma língua) e cada gênero de discurso impõe, tacitamente ou não, restrições na matéria. Os gêneros administrativos ou manuais escolares excluem o nível da língua familiar, os gêneros produzidos nas ciências “duras”, recorrem maciçamente ao inglês etc. (MAINGUENEAU, 2015, p. 122)

2.5.4 A interincompreensão e os simulacros construídos

Demarcados os posicionamentos presentes na entrevista analisada, buscamos apresentar, a seguir, as interincompreensões que ocorrem e os simulacros construídos no diálogo entre jornalista e *rapper*. Tais simulacros e interincompreensões se constroem em virtude de termos posicionamentos distintos com relação à língua.

Nos trechos,

Jornalista – É porque se você levar em consideração a norma padrão, da gramática, para falar com o pessoal na rua, aí que vai tá errado. Não é?

Emicida – Se... Não acho que vai estar errado. Não acho que as pessoas deixariam de entender. Muito pelo contrário, porque a gente tem essa proximidade com a norma culta. Seja... pela literatura, seja pelo... pelas bulas de remédio.

[...]

Emicida – Seja pelos documentos com os quais a gente é obrigado a lidar no dia-a-dia. Então, a norma culta está presente no nosso dia-a-dia de diversas maneiras. Mas a linguagem coloquial é mais rápida, é mais suingada.

[...]

Emicida – Ela é mais poética, ela funciona... ela oferece alguns subterfúgios que a norma culta às vezes demora mais tempo para oferecer...

Jornalista – Ela é mais rápida?

Emicida – Acredito que sim.

Jornalista: Porque ela vai mudando na rua antes de mudar no livro.

Emicida: Sim, ela se molda de acordo com a necessidade das pessoas. [...]

Emicida: Ele tá em constante evolução e ele se move de acordo com as suas necessidades. A palavra é uma necessidade, porque as pessoas têm a necessidade de ligação, então a palavra é essa ponte. Você pode encurtar esse caminho através da diminuição de duas, de uma, de três sílabas. Sabe? A coisa se torna muito mais... acho que emocional até. (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

O *rapper*, ao ser questionado, pela jornalista, se estaria “errado” caso levasse em consideração a “norma padrão, da gramática, para falar com o pessoal na rua”, Emicida (2015) afirma acreditar não estar errado, visto que as pessoas não deixariam de entender, pois para ele, a norma culta está presente no dia-a-dia de diversas maneiras, contudo, a linguagem coloquial é mais rápida, é mais “suingada”.

Duas considerações são necessárias sobre esse trecho. A primeira se refere, novamente, a flutuação terminológica do que vem a ser norma culta para o *rapper*. Emicida lê as expressões da jornalista “norma padrão, da gramática” como “norma culta”, afirmando que os usuários de uma língua têm a aproximação à “norma culta” pela literatura e pelas bulas de remédio.

A segunda consideração se refere ao modo como a resposta do *rapper* é lida pela jornalista, que a reduz ao seguinte sentido: “a linguagem coloquial é mais rápida”. Cabe nesse caso, afirmar que mais rápido pode ser lido de duas formas diferentes, a saber, (i) mais simples ou (ii) que gasta menos tempo. Parece que, em virtude dos trechos da entrevista apresentados, podemos afirmar que, para a jornalista, o termo é tomado no sentido de “mais simples”, “mais fácil”.

Apesar de Emicida dizer que acredita que a norma coloquial é mais “rápida”, concordando com a jornalista, o termo “rápido” para ele possui concepção distinta da proposta por ela. Em determinados momentos, o termo em questão, para Emicida, parece estar atrelado ao sentido de reduções pelas quais os itens lexicais passam. Deste modo, o *rapper* alinha mudança

com língua falada e estabilidade com a língua escrita. Corroboram com nossas afirmações o trecho: “Sabe? Do vosmicê, pro você, pro cê...” (EMICIDA, 2015).

Outra concepção que emerge do modo como o *rapper* toma o termo “rápida” parece ser a de adequação da língua ao tempo melódico e à construção de rima nas canções, como é possível perceber no trecho a seguir:

Emicida: Poeticamente para mim seria um resultado menos interessante. Sabe? “Entra no carro se lembrando das amigas que morreram...” Talvez esse “eu” aí tenha um valor fundamental para fechar uma rima. Sabe? [...] Entra no carro se lembrando das amigas que morreu [...] Se eu coloco esse “morreram” aí, eu acabo com o meu trabalho.[...] E aquilo que eu te falei agora a pouco: se a gente consegue obter o mesmo entendimento com uma quantidade menor de sílabas, então... isso é muito mais interessante quando você faz rap. Porque você precisa adequar aquela frase ao tempo musical. E o tempo musical... talvez ele não espere o tempo da norma culta. (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

Contudo, do posicionamento no qual a jornalista se inscreve, se o *rapper* empregasse a concordância verbal e nominal como determina a gramática, tal construção “soaria estranha” para aqueles que ouvem *rap*. Essa concepção soa preconceituosa por parte da jornalista, visto que o simulacro construído por ela, que emerge dessa colocação é o de que “quem ouve *rap* não tem noção de como funciona o que ela chama de norma gramatical”

Outras marcas de interincompreensão entre jornalista e *rapper* estão nos trechos finais da entrevista:

Jornalista – A questão é: eu não acho agora, depois de ter vivido 29 anos e ter lido todas as coisas que eu li. Muito pelo contrário, mas na época que... da escola... eu demorei pra ver a beleza da nossa língua, porque acho que precisa... A escola, mas do que a Academia, precisa saber fazer essa ligação com urgência...

Jornalista – Mudar a gramática...

Emicida – Sim... porque você conecta o mundo de fora com o mundo de dentro da escola. Quando a escola começa a funcionar como uma bolha, que tudo que acontece fora dela fica fora dela, então as pessoas... os alunos... na primeira e segunda infância, na adolescência, acho que eles passam a ver com um certo ceticismo o que é ensinado na escola. (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

Emicida afirma que, no intuito de se ter um ensino linguístico de qualidade, de modo que o aluno compreenda e veja a beleza da língua, é necessário que a escola, mais do que a Academia, faça a ligação entre a variedade que o aluno traz do seu dia-a-dia com a norma

gramatical. Toda essa afirmação é lida pela jornalista como “mudar a gramática”, ou seja, mudar as regras da gramática normativa, quando na verdade, em virtude de marcas do seu posicionamento, Emicida afirmou que há de se considerar as variações linguísticas de acordo com a situação de uso destas.

Novamente, apesar de Emicida dizer “sim” à expressão da jornalista, em uma aparente aliança, com base naquilo que ele afirma, o sentido do que ele disse é outro. Para o *rapper*, a ponte ou ligação entre a língua coloquial que os alunos dominam e a norma da escola, está relacionada à consideração dos diversos contratos comunicacionais, às questões de natureza estética e emotiva, indo assim, além da expressão redutora empregada pela jornalista, “mudar a gramática.”

No seguinte trecho:

Jornalista: A gente já perguntou isso para crianças, mas você acha que o seu público, jovem... adolescentes ou jovens mesmo, que estejam na escola, eles conseguem enxergar aquele português que se ensina lá como um português deles? Como uma língua dele? Ou ele aprende mais na rua?

Emicida: Eu acho que ele aprende lá, mas guarda o daqui.

Jornalista: Como se fossem duas línguas? (JORNAL HOJE, 2015, s.p.)

Emicida afirma que o aluno tem condições de aprender a norma gramatical, entretanto guardará a norma coloquial que já domina. A jornalista, de seu posicionamento, lê essa afirmação como se as duas variedades fossem duas línguas diferentes. Essa leitura feita pela jornalista parece estar alinhada a posicionamentos que concebem a língua como homogênea, e que, caso haja mudança/variação, se trata de outra língua.

Deste modo, mesmo com toda flutuação terminológica e com a falta de delimitação de fronteiras conceituais, Emicida (2015) tem uma concepção heterogênea de língua, menos preconceituosa e menos normativa do que a jornalista. Mesmo sendo leigo em questões de nomenclaturas, o *rapper* possui um posicionamento bem próximo ao posicionamento de estudiosos da linguagem. Do lugar que o *rapper* ocupa, ele parece alinhar-se, mesmo que involuntariamente a concepção bakhtiniana de língua. “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.” (BAKHTIN, 2003, p. 282)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início desta dissertação, nos propusemos a analisar a polêmica discursiva em torno da problemática da língua portuguesa em programas de entretenimento e de jornalismo da Rede Globo de Televisão. Assim, a partir das noções de *interdiscurso*, *interincompreensão* e *simulacro*, postulados por Dominique Maingueneau (2008a), para quem enunciadores inscritos em um posicionamento não conseguem interpretar e traduzir os enunciados do Outro tais como eles são, mas apenas como o registro negativo de seu próprio sistema de restrição, buscamos demonstrar como se dá a tradução semântica, por parte dos jornalistas, repórteres, entrevistadores e apresentadores, de enunciados relacionados à língua portuguesa, proferidos por entrevistados, ou tomados de base para comentários dos jornalistas.

A partir de nossas análises, verificamos que o jogo de forças na polêmica varia, em alguma medida, em função do fato de a abordagem de questões relacionadas à língua portuguesa estar relacionada às problemáticas do ensino ou não. Se não estiver, a polêmica entre diferentes posicionamentos encena uma aparente neutralidade; por sua vez, se o cerne do debate se der em torno do ensino de língua portuguesa, a relação de contradição entre diferentes posicionamentos é aberta e acirrada. Assim, à guisa de conclusão, especificamos em cada texto tomado para análise como se deu esse jogo de forças:

- 1) Nas análises das entrevistas concedidas ao *Programa do Jô*, é possível verificar que o tipo de relação estabelecida entre o discurso de Jô Soares, tanto com Evanildo Bechara, quanto com Ataliba de Castilho, é de aparente neutralidade, não havendo confronto aberto, ainda que: i) Evanildo Bechara se pautasse, em sua entrevista, na cientificidade e na observação dos fatos linguísticos; ii) Ataliba de Castilho apresentasse sua concepção de língua como heterogênea e aberta à variação; e iii) Jô Soares, em ambas as entrevistas, se alinhasse a posicionamentos mais conservadores e preconceituosos com relação à língua portuguesa.
- 2) Na entrevista de *Emicida*, realizada no *Jornal Hoje*, a relação discursiva estabelecida entre os posicionamentos do *rapper* e da jornalista é também de uma suposta neutralidade, mesmo que, em certos momentos, a temática perpassasse questões

relacionadas a ensino. Isso porque o foco da entrevista não é o ensino de Língua Portuguesa, mas a relação do *rapper* com a língua portuguesa em suas composições.

- 3) No trecho analisado do jornal *Bom dia, Brasil*, em que é discutida a aprovação do livro didático *Por uma vida melhor (2011)*, a relação discursiva estabelecida é de confronto aberto, uma vez que o foco da temática é o ensino de Língua Portuguesa: “se fosse apenas uma polêmica linguística, tudo bem, mas faz parte do currículo de meio milhão de alunos e é abonado pelo Ministério da Educação” (Alexandre Garcia - **cf.** transcrição da edição do *Bom dia, Brasil*, no capítulo 2)

Estamos cientes de que não esgotamos as possibilidades de análise, nem da polêmica discursiva analisada, tampouco do *corpus* escolhido. Evidentemente, outras abordagens, outros recortes e outras formulações podem ser feitas do interior da perspectiva da Análise do Discurso.

Assim, concluímos esse trabalho com duas considerações: (i) fundamentalmente, a polêmica discursiva analisada ocorre de maneira acirrada e explícita quando se tematiza questões relacionadas à institucionalidade do ensino de Língua Portuguesa, conforme já afirmamos; e (ii) com base no *corpus* analisado, é possível fortemente supor que os programas da Rede Globo selecionados apresentam traços de um posicionamento mais conservador em relação às problemáticas de língua portuguesa. Contudo, um questionamento que se abre para futuras pesquisas é se esse conservadorismo é específico da Rede Globo, ou se é típico da mídia em geral. Levantamos essa hipótese em função de outros trabalhos realizados e relacionados, em alguma medida, com o tema de nossa pesquisa: Mendes (2013), Mendonça (2006), Vilela-Ardenghi (2007) e os trabalhos de Sírio Possenti, como *A língua na mídia* (2011), entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs; YEHIA, Hani Camille . *Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2009. Disponível em: <http://fonologia.org>. ISBN 978-85-7758-135-1.

ENTRETENIMENTO. *Programa do Jô*. São Paulo: Rede Globo de Televisão. 13 de abril de 2008. Programa de televisão.

ENTRETENIMENTO. *Programa do Jô*. São Paulo: Rede Globo de Televisão. 18 de julho de 2011. Programa de televisão.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

JORNALISMO. *Bom dia, Brasil*. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão. 17 de maio de 2011. Programa de televisão.

JORNALISMO. *Jornal Hoje*. São Paulo: Rede Globo de Televisão. 18 de março de 2015. Programa de televisão.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

_____, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MENDES, Heloisa Mara. *A língua do Museu da Língua Portuguesa*. 2013. 221 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

MENDONÇA, Marina Célia. *A luta pelo direito de dizer a língua: a linguística e o purismo linguístico na passagem do século XX para o século XXI*. 2006. 249 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

POSSENTI, Sírio. *A língua na mídia*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado das Letras, 1996.

_____, Sírio, MUSSALIM, Fernanda. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. In: STAFUZZA, G., PAULA, L. de (Orgs.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso no Brasil*. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 139-150

RAMOS, Heloisa. Escrever é diferente de falar. In: AGUIAR, Carolina Amaral. et al. *Por uma vida melhor*. São Paulo: Global, 2010. p.11-27. v. 2. (Viver, Aprender).

SILVA, F. M. *Marcos históricos do talk show no Brasil: uma análise dos programas Globo Gente e Jô Soares Onze e Meia*. Galaxia (São Paulo, Online), n. 25, p. 123-134, jun. 2013.

VILELA-ARDENGHI, Ana Carolina Nunes da Cunha. *Minha pátria é minha língua: língua e identidade nacional*. 2007. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.